



PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

Redenção-CE, julho de 2016



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
 BRASILEIRA

José Mendonça Bezerra Filho
Ministro da Educação

Tomaz Aroldo da Mota Santos
Reitor

Aristeu Rosendo Pontes Lima
Vice-Reitor

Andréa Gomes Linard
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Maurílio Machado Lima Junior
Diretor do Instituto de Humanidades e Letras

Leandro de Proença Lopes
Coordenador do Curso de Bacharelado em Humanidades

Artemisa Odila Cande Monteiro

Carla Susana Alem Abrantes

Edson Holanda Lima Barboza

Eduardo Gomes Machado

Fabio Baqueiro Figueiredo

Jo A-mi Rodrigues da Silva

Larissa Oliveira e Gabarra

Leandro de Proença Lopes

Luma Nogueira de Andrade

Marina Pereira de Almeida Mello

Mário Henrique Castro Benevides

Maurilio Machado Lima Junior

Responsáveis pela Elaboração do Projeto Político Pedagógico

Identificação do Curso

Denominação do Curso:

Bacharelado em Humanidades

Duração do Curso:

Mínima: 2 anos

Máxima: 3 anos

Regime Letivo:

Seriado Semestral

Turnos de Oferta:

Noturno

Vagas Autorizadas:

320 vagas anuais

Carga Horária:

2.400 horas

Título Acadêmico:

Bacharel em Humanidades

Quadro de Professores Efetivos Vinculados Curso de Bacharelado em Humanidades

Prof^a. Dr^a Ana Cristina Cunha da Silva

Prof. Dr. Antonio Marcos de Sousa Silva

Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho

Prof^a. Dr^a. Carla Susana Alem Abrantes

Prof. Dr. Carlos Eduardo Bezerra

Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro

Prof. Dr. Carlos Subuhana

Profa. Dra. Caroline Farias Leal Mendonça

Prof^a. Dr^a Cláudia Regina Rodrigues Calado

Prof. Dr. Edson Borges

Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza

Prof. Dr. Eduardo Gomes Machado

Prof. Dr. Evaldo Ribeiro Oliveira

Prof. Dr. Fernando Afonso Ferreira Junior

Prof^a. Dr^a Francisca Rosália Silva Menezes

Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos

Prof. Dr. Francisco Vitor Macedo Pereira

Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira

Prof. Dr. Ivan Costa Lima

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Britto Pólvora

Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior

Prof^a. Dr^a Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Prof^a. Dr^a Jo A-mi Rodrigues da Silva

Prof. Dr. José Sergio Amâncio de Moura

Prof. Dr. José Weyne de Freitas Sousa

Prof. Dr. Lailson Ferreira da Silva

Prof^a. Dr^a Larissa Oliveira e Gabarra

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes
Prof. Dr. Lourenço da Conceição Cardoso
Prof. Dr. Luís Carlos Silva de Sousa
Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos
Profª. Drª Luma Nogueira de Andrade
Profa. Drª. Marina Pereira de Almeida Melo
Prof. Dr. Mário Henrique Castro Benevides
Prof. Dr. Maurílio Machado Lima Junior
Prof. Dr. Rafael da Cunha Scheffer
Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade
Profª. Drª Raquel Farias Diniz
Profª. Drª Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira
Prof. Dr. Ricardo Cesar Carvalho Nascimento
Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza
Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco
Prof. Dr. Robson Rogério Cruz
Prof. Dr. Ronald Apolinário de Lira
Prof. Dr. Rúben Maciel Franklin
Prof. Dr. Salvio Fernandes de Melo
Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho
Prof. Dr. Sérgio Krieger Barreira
Profª. Drª. Silviana Fernandes Mariz
Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha
Profª. Drª. Vera Regina Rodrigues da Silva
Profª. Drª. Violeta Maria de Siqueira Holanda
Prof. Dr. Wellington Ricardo Nogueira Maciel

Núcleo Docente Estruturante do Curso de Bacharelado em Humanidades

Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes

Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Junior

Prof^a. Dr^a Larissa Oliveira e Gabarra

Prof^a. Dr^a. Carla Susana Alem Abrantes

Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza

Prof^a. Dr^a. Luma Nogueira de Andrade

Prof. Dr. Eduardo Gomes Machado

Prof. Dr. Mário Henrique Castro Benevides

Prof^a. Dr^a. Marina Pereira de Almeida Mello

Prof^a. Dr^a. Artemisa Odila Cande Monteiro

Prof^a. Dr^a Jo A-mi Rodrigues da Silva

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	09
2. Justificativa.....	11
3. Objetivos.....	17
3.1. Objetivo Geral.....	18
3.2. Objetivos Específicos.....	18
4. Base Legal.....	19
5. Princípios Curriculares.....	20
6. Metodologia.....	23
7. Processo de Ensino-Aprendizagem.....	25
7.1. Do Professor.....	25
7.2. Do Estudante.....	25
8. Perfil do egresso.....	25
9. Expectativa da formação em nível superior.....	26
9.1. Perfil geral dos egressos.....	27
9.2. Competências e Habilidades gerais dos egressos.....	27
9.3. Competências e Habilidades Específicas dos Egressos.....	28
10. Mercado de trabalho.....	28
11. Estrutura curricular.....	30
11.1. Fluxo de Integração Curricular.....	30
11.2. Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB.....	33
11.3. Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades.....	33
11.4. Trabalho de Conclusão de Curso.....	34
11.5. Atividades Complementares.....	34
11.6. Atividades de Extensão.....	35
11.7. Núcleo de Componentes Optativos.....	35
11.8. Resumo da Matriz Curricular.....	36
11.9. Fluxograma.....	37
12. Integralização Curricular.....	38
13. Atividades Complementares.....	38
14. Atividades de Extensão.....	43
15. Avaliação.....	45
15.1. Da Aprendizagem.....	45
15.2. Do Currículo.....	45
15.2.1. Da Metodologia de Avaliação do Currículo.....	46
16. Infraestrutura.....	46
17. Apoio aos discentes: o Programa de Assistência ao Estudante (PAES)	48
18. Regulamento do Trabalho de Conclusão dos Cursos (TCC).....	51
19. Ementários e referências das disciplinas.....	60
19.1. Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB.....	60

19.2. Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades.....	63
19.3. Núcleo de Trabalho de Conclusão de Curso.....	74
19.4. Núcleo de Componentes Optativos.....	75
20. Bibliografia Consultada.....	85
Anexo I: Contextualização da IES.....	86

1. APRESENTAÇÃO

O curso de Bacharelado em Humanidades nasceu da compreensão sobre a necessária superação de modelos tradicionais da formação acadêmica brasileira, na perspectiva do que orienta a Portaria nº 383 da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC):

Inspirada na organização da formação superior proposta por Anísio Teixeira para a concepção da Universidade de Brasília, no início da década de 1960, no Processo de Bolonha e nos *colleges* estadunidenses, mas incorporando um desenho inovador necessário para responder às nossas próprias e atuais demandas de formação acadêmica, a proposta de implantação dos Bacharelados Interdisciplinares constitui uma proposição alternativa aos modelos de formação das universidades europeias do século XIX, que ainda predominam no Brasil, apesar de superados em seus contextos de origem. Implantar o regime de ciclos no Ensino Superior brasileiro amplia as opções de formação no interior das nossas instituições universitárias.¹

A reforma curricular efetivada para o projeto do Curso de Bacharelado em Humanidades em 2013 tomou como base a proposta elaborada pelos primeiros professores das áreas de Humanidades e Letras. Ela é expressão da discussão feita com os professores do Curso. Realizada sob a égide do compromisso de fazer deste projeto um lugar de encontro entre as necessidades da inteligência contemporânea no campo das humanidades e as expectativas da comunidade acadêmica da UNILAB na sua multiplicidade, a presente proposta segue na busca de construir, cada vez mais solidamente, uma universidade de qualidade que articule pesquisa, ensino e extensão. Espera-se que isso seja atingido através de um currículo efetivamente entendido como um instrumento de percurso capaz de assegurar aos nossos estudantes um profícuo e autônomo caminho voltado para a apropriação, produção e socialização de saberes e fazeres do campo das Humanidades e das muitas formas de intervenção social que esse campo possibilita.

O curso de Bacharelado em Humanidades constitui o primeiro ciclo de formação universitária vinculado a um segundo ciclo de formação profissional, nos moldes do que estabelece a Portaria nº 383 SESU/MEC:

Nesta conceptualização, o primeiro ciclo ou Bacharelado Interdisciplinar é o espaço de formação universitária onde um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, transversais às competências técnicas, aliada a uma formação geral com fortes bases conceituais, éticas e culturais assumiriam a centralidade nas preocupações acadêmicas dos programas. Por

¹ BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. Portaria nº 383, de 12 de abril de 2010, p.3.

seu turno, o segundo ciclo de estudos, de caráter opcional, estará dedicado à formação profissional em áreas específicas do conhecimento.²

Para cumprir este compromisso, que é acadêmico e social, reafirmamos, neste instrumento aqui apresentado, a convicção de conduzir um projeto que garanta as articulações indispensáveis com os demais cursos de formação complementar que compõem o Instituto de Humanidades e Letras, as chamadas terminalidades do segundo ciclo formativo profissional, de caráter não obrigatório, a saber: o Bacharelado em Antropologia, a Licenciatura em História, a Licenciatura em Sociologia e a Licenciatura em Pedagogia.

Em acordo com o *Parecer CNE/CES nº. 776*, de 3 de dezembro de 1997, que orienta as diretrizes curriculares para os cursos de graduação, é nossa intenção garantir aos bacharéis em Humanidades formados na UNILAB uma estrutura curricular compromissada com a produção do conhecimento e igualmente com a sua socialização, de modo que os lugares específicos de nossa atuação não funcionem como limites para o crescimento intelectual e profissional, mas, ao contrário, como lugares de encontro, troca e ampliação dos nossos saberes e práticas. Também é de nossa intenção cumprir com aquilo que é, no nosso entendimento, o maior desafio da universidade: promover o deslocamento do sujeito do conhecimento para outros modos de saber e de produção do saber.

Acreditamos que a estrutura aqui apresentada será um esteio para reflexões e tomadas de atitudes dos educadores e estudantes do Curso de Bacharelado em Humanidades, sobretudo no sentido de fortalecer Grupos e Linhas de Pesquisa, Núcleos de Estudos, Laboratórios de Ensino e Pesquisa e, num breve futuro, uma linha de editoração e publicação que venha a se constituir como espaço onde nossas habilidades específicas e suas respectivas práticas possam se associar no esforço de intervir propositivamente no ensino, na pesquisa e na extensão do campo das Humanidades.

O que aqui propomos é um Curso de Graduação de Bacharelado em Humanidades, de caráter interdisciplinar, que oferece a cada ano letivo, em duas entradas, 320 [trezentas e vinte] vagas, no turno noturno, a serem preenchidas segundo as normas e as regras de acesso ao ensino de graduação definidas pelos Conselhos Superiores da UNILAB. Assim, 50% das vagas para ingresso no curso são disponibilizadas para estudantes brasileiros, com seleção feita através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), organizado pelo Ministério da Educação (MEC), no qual a UNILAB e outras instituições públicas oferecem vagas no Ensino Superior

² BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. Portaria nº 383, de 12 de abril de 2010, p. 3.

para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). A ordem de classificação de candidatos brasileiros é estabelecida por modalidade de vagas: Ampla Concorrência (AC) e estudantes egressos da Escola Pública (EP). Outros 50% das vagas são ofertadas para candidatos oriundos de países da CPLP (Comunidade Países de Língua Portuguesa), o Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE) é organizado pela Pró-reitoria de Graduação. No caso de vagas remanescentes, após a realização do PSEE, a oferta ociosa será redistribuída para a lista de chamadas do Sisu.

O objetivo deste curso é formar bacharéis em Humanidades que possam desenvolver atividades vinculadas às tradicionais instituições da pesquisa social, sejam acadêmicas, sejam ligadas ao Estado ou organizações da iniciativa privada, como orienta o *Parecer CNE/CES 492/2001*³. Os egressos se preparam também para atuar nas muitas e novas demandas que o regime de historicidade contemporâneo nos coloca: na assessoria à produção artística, na promoção de eventos culturais e na constituição e efetivação de políticas de preservação do patrimônio histórico artístico cultural, de enfrentamento de questões étnico-raciais, assim como de gênero, que hoje são uma exigência social e política da qual não podemos e não queremos nos furtar. Contudo, é objetivo maior da formação aqui proposta preparar os estudantes para o ingresso nos cursos profissionais do segundo ciclo de formação.

2. JUSTIFICATIVA

A criação do Bacharelado em Humanidades justifica-se pelo reconhecimento da pertinência de inúmeros documentos produzidos pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que buscam orientar e traçar diretrizes ao desenvolvimento e expansão do Ensino Superior no Brasil. Acreditamos que esses documentos podem também constituir importantes indicações à formação dos jovens dos países parceiros da UNILAB.

Esses documentos apontam a fragilidade da formação e o desconhecimento dos candidatos em relação à educação superior, principalmente com relação às complexidades do mundo do conhecimento. Assim, “Meninos e meninas, de 17 anos, às vezes menos, precisam decidir se serão médicos, advogados, professores, economistas, cientistas, filósofos ou poetas,

³ “O bacharel deverá estar credenciado para a pesquisa acadêmica e eventualmente para a reflexão transdisciplinar”. BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492/2001. [Brasília], 03 de abril de 2001, p. 3

opção que lhes assombrará todo o percurso de estudos universitários”.⁴ Além disso, completa o documento, o “candidato à educação superior precisa saber que profissão terá, antes mesmo de claramente entender a complexidade do mundo do conhecimento. É candidato à profissão antes de ser candidato ao saber.”⁵

Segundo os *Referenciais Orientadores para Bacharelados Interdisciplinares e Similares*, apresentado à Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, em sua reunião de 7 de julho de 2010, em Brasília/DF.

A recente ampliação da oferta de vagas nas formações de graduação abriu oportunidades para uma mudança expressiva do perfil estudantil. De fato, as ampliações não apenas aumentaram quantitativamente o acesso à universidade em relação a épocas imediatamente anteriores. Resultante de vários fatores, como oferta de vagas em cursos presenciais noturnos, implantação de políticas de ações afirmativas, novas formas de ingresso e aumento da oferta de vagas na modalidade semipresencial ou à distância, o perfil estudantil sofreu uma mudança qualitativa que impactou sensivelmente as demandas de formações de graduação, a estrutura curricular, as práticas educativas e de avaliação, assim como os processos deliberativos no interior das universidades. Diante disso, o modelo tradicional de uma graduação longa, com itinerários de formação rigidamente pré-definidos, voltada para uma profissionalização precoce e dotada de uma estrutura curricular engessada começou a dar sinais de esgotamento progressivo.⁶

Considerando a diversidade das visões de mundo e os conflitos de ideias e interesses presentes no mundo contemporâneo, bem como o escopo da integração da lusofonia afro-brasileira, que compõe o pilar fundamental da UNILAB, entendemos que a formação do bacharel em Humanidades deverá ter como pressuposto, por um lado, a apropriação dos fundamentos basilares das Ciências Humanas, da Filosofia e das Artes, bem como de suas muitas possibilidades de criação e inscrição no imenso e em permanente mudança arquipélago do diálogo entre Antropologia, História, Sociologia, Filosofia, Pedagogia, Artes e Ciência Política. Por outro lado, a formação deve possibilitar a reflexão sobre os conteúdos da história e da dinâmica sociocultural da África lusófona e suas interações com a cultura e a sociedade brasileira. Neste segundo aspecto, o que se busca é realizar o que propõem as Diretrizes Gerais da UNILAB, na definição de sua missão, a saber:

⁴ BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer 329/04. [Brasília], 2004, p. 21

⁵ Ibidem.

⁶ BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. Portaria nº 383, de 12 de abril de 2010, p. 2.

Produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa - especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente - por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e compromissados com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente.⁷

A construção de um projeto de formação pessoal e profissional, tal como o que aqui é apresentado, traz consigo o intento de garantir, através de uma estrutura curricular bem definida e ao mesmo tempo flexível, um percurso em que a interdisciplinaridade — e os cuidados para uma permanente atualização dos conteúdos, das teorias, dos métodos de ensino e pesquisa, dos recursos sociais, políticos e tecnológicos adequados para garantir nossas diferentes maneiras de intervenção na sociedade brasileira — sejam uma exigência cotidiana.

O Curso de Bacharelado em Humanidades pretende, por um lado, dar uma formação ao futuro bacharel dentro de uma perspectiva multidisciplinar, que lhe permita desenvolver aptidões voltadas para a prática da pesquisa social em todas as suas possibilidades, bem como prepará-lo para o ingresso nas terminalidades específicas. Por outro lado, aspira formar um bacharel em Humanidades apto a lidar com as transformações ocorridas no campo da pesquisa, do conhecimento e das reflexões sobre as relações multilaterais entre África e Brasil no contexto atual.

Entendemos que uma política de formação profissional deve ser marcada tanto pelo domínio da produção e divulgação dos conteúdos do saber, requisito básico para formar bacharéis competentes, quanto pela observação das necessidades da sociedade onde os sujeitos estão inseridos, assim como do desenvolvimento recente das Humanidades, tal como ocorre em plagas brasileiras e estrangeiras. Por tais razões é que acreditamos que o currículo deve abranger as dimensões de ensino e pesquisa, teoria e prática, bem como prever articulações entre os diferentes aspectos da formação do Bacharel em Humanidades.

O presente documento, por um lado, está ancorado em ideias que levam em consideração uma prática docente e de pesquisa capaz de lidar com os desafios impostos pela sociedade da informação e, por outro, está fundamentado em orientações gerais abaixo relacionadas:

- Instituição do Curso de Bacharelado em Humanidades no turno noturno;

⁷ CEARÁ. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Diretrizes Gerais. [Redenção], junho de 2010, p.12.

- Instituição de estrutura curricular por bloco fechado, o que permite ao estudante se matricular em todas as disciplinas do bloco e ter condições concretas para a conclusão da Graduação no seu tempo ideal de duração;
- Determinação de prazo mínimo de duração de 02 (anos) anos e de prazo máximo de duração de 03 (três) anos para conclusão do Curso;
- Equilíbrio de carga horária dos componentes curriculares, predominando aqueles de 40 horas aulas;
- Definição de um conjunto de referências básicas para o Curso que tanto expressem uma literatura fundamental a ser consultada durante a vida acadêmica dos estudantes quanto representem os pilares teórico-metodológicos essenciais para uma formação de qualidade na área de Humanas.
- Exigência de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo objetivo é consolidar a prática investigativa, bem como estimular o graduando a prosseguir em estudos de pós-graduação.

Apresentamos, portanto, um Curso de Bacharelado em Humanidades, de modalidade presencial, voltado para estudantes egressos do ensino médio das redes de ensino público e privado do Brasil e dos países parceiros da UNILAB. É para este Curso que, por um lado, defendemos, conforme princípio norteador das Diretrizes Curriculares Nacionais, o entendimento de que o saber-fazer das Humanidades se constitui em exercício de compreensão crítica da dinâmica histórica da sociedade e da cultura; e, por outro, pretendemos, ao longo do Curso, discutir as transformações que ocorrem no campo do conhecimento das Humanidades, a partir de uma ampla revisão de literatura e de práticas de cohecimento de fatos e situações em que questões das Humanidades estão implicadas.

Feitas essas observações, faz-se necessário assinalar que não ignoramos o arcabouço de conhecimentos trazidos pelos estudantes, pois partimos do pressuposto de que todos somos possuidores de saberes culturais, entendidos aqui como o acervo de conhecimentos, entendimentos, realizações, progressos, regressos, utopias, desencantamentos, resultantes da aventura que construímos nas interrelações sociais. Assim, acreditamos em uma educação na qual os graduandos são sujeitos capazes de elaborar proposições e questionamentos críticos enquanto aprendem.

Contudo, concordamos que, para a concretização de um projeto de educação que desperte nos estudantes suas capacidades criativas e reflexivas, é imprescindível que a prática

docente seja assertivamente repensada. Para tanto, consideramos que o principal meio de reinventar a prática docente é pela prática da pesquisa colaborativa, que possibilita a reelaboração do conhecimento por estudantes e professores de forma dialética e cotidiana. É preciso que consigamos olhar a sala de aula para além do “buraco da fechadura”, entendendo-a tanto como um espaço de investigação, de argumentação e de organização do pensamento, quanto como um lugar onde estudantes e professores possam refletir sobre o novo no mundo; mundo este permeado pelas “novas tecnologias” e pela exigência de novas competências e habilidades.

Hoje é impossível fazer qualquer proposta de formação de Bacharéis em Humanidades que não considere esse novo no mundo, pois não acreditamos que a sociedade da informação solucionará todos os nossos problemas. Nesse sentido, o grande desafio será a construção de um saber-fazer que permita elaborarmos juntos, professores e estudantes, um conhecimento novo, que aponte caminhos novos.

Na condição de educadores, devemos compreender que os estudantes tanto são detentores de conhecimentos e habilidades relevantes, quanto são produtores de cultura e de um conjunto complexo de saberes que, se acionados de forma competente e metódica, franqueará para os próprios educadores possibilidades de enfrentamento dos desafios que circundam e angustiam o ensinar e o aprender, o saber-fazer e a pesquisa. Daí a importância de considerar as falas, as propostas, as habilidades e as competências que existem em todos participantes da vida acadêmica.

Precisamos de práticas de ensino e de pesquisa que não nos afastem de nossa imaginação, mas que nos façam reaprender tanto a mediar saberes quanto a conviver e a dialogar com os outros, escutando-os com atenção analítica. Necessitamos de um novo sujeito do conhecimento que reconheça o papel das tecnologias no contexto da sociedade da informação, mas que também compreenda a força das múltiplas criações, conservando e não destruindo, cooperando e não competindo de forma nociva, partilhando e não concentrando, incluindo e não excluindo; e, finalmente, construindo redes de afetividade e solidariedade no lugar da discriminação e do preconceito.

Pensar o Curso de Bacharelado em Humanidades, nesse contexto, é entender que, nas relações de ensino-aprendizagem, há construções coletivas e que, portanto, a sala de aula e os demais ambientes de investigação, além de se constituírem em espaços privilegiados para se perceber tensões, são, sobretudo, espaços para se questionar e construir alternativas de forma inteligente, criativa e planejada. Segundo o entendimento aqui apresentado para o Curso de

Bacharelado em Humanidades, a sala de aula é mais do que um mero espaço de transmissão de conteúdos, onde o mestre faz as suas preleções sem formar sujeitos criativos. Antes, a ideia de educação que permeia o presente Projeto Pedagógico Curricular pressupõe e requer como ponto de partida a recriação e a circulação dos saberes, que possibilite a formação de sujeitos aptos para ler o mundo de forma crítica e criativa, levando-os a aprender a aprender e a criar outras possibilidades de saber, de conhecer, de fazer e de viver junto.

Nesse sentido, é urgente a observação de algumas diretrizes, tais como:

- Fomentar uma formação teórica e metodológica que permita ao graduando a articulação dos níveis empírico e teórico, essência do conhecimento no campo das Humanidades;
- Dinamizar as discussões implicadas nos diversos campos do conhecimento, buscando criar relações entre as teorias e conteúdos das diferentes disciplinas ministradas no âmbito acadêmico;
- Criar para o graduando condições para realizar dentro do âmbito acadêmico uma produção intelectual próxima dos problemas que afetam o coletivo social no qual está inserido;
- Possibilitar consciência e clareza em relação à pluralidade dos enfoques teórico-metodológicos e à elaboração e operacionalização de conceitos e conhecimentos na área das Humanidades;
- Propiciar uma reflexão crítica sobre a sociedade, a economia, a cultura e a política na África Lusófona e suas relações com o Brasil;
- Propiciar uma formação que assegure a reflexão crítica sobre a dinâmica das relações étnicorraciais no Brasil, apontando caminhos para a superação de preconceitos e discriminações fundadas em questões raciais;
- Possibilitar, no transcurso da formação dos bacharelados, a reflexão sobre o meio-ambiente e sua ligação com o desenvolvimento social e político;
- Firmar um projeto pedagógico que permita efetivamente a religação dos saberes, a divulgação do conhecimento e a aproximação do graduando com os problemas sociais, políticos, éticos, econômicos, educativos, epistemológicos, religiosos e estéticos da sociedade em que vive;
- Permitir a horizontalização dos saberes e das práticas de pesquisa.

A preocupação do Curso é a formação de bacharéis em Humanidades ao mesmo tempo conscientes e capazes do exercício profissional e atentos ao fato de que os saberes humanos são resultado de um trabalho produzido cultural e historicamente.

3. OBJETIVOS

O Curso de Bacharelado em Humanidades objetiva formar profissionais tanto capazes de pensar e de agir frente aos problemas da sociedade quanto aptos a se tornarem, dentro do contexto sociocultural no qual estão imersos, agentes de produção e difusão do saber social; ou seja, sujeitos habilitados para o exercício da pesquisa e de demais atividades inerentes ao ofício do bacharel em Humanidades. Portanto, o curso deve propiciar aos graduandos a chance de atuar no mercado de trabalho que exija os saberes próprios das humanidades, bem como prepará-los para o ingresso qualificado nas terminalidades em Antropologia, História, Pedagogia e Sociologia.

Para tanto, é indispensável uma reflexão sobre o currículo que ultrapasse as interpretações clássicas em que é compreendido como mero instrumento que viabiliza o atendimento de objetivos engessados e a realização de processos avaliativos quantitativos. Sendo o currículo um percurso que agrupa as experiências de vida dos educadores, entendemos que ele circunscreve mais do que conteúdos rígidos a serem apreendidos. Diante da constatação da necessidade de os currículos adaptarem-se às necessidades e aos anseios da sociedade, acreditamos que, antes, deverão constar em sua estrutura objetivos capazes de serem alcançados e que melhorem a vida dos graduandos, como cidadãos, e como profissional imerso em uma comunidade historicamente localizada nos espaços lusófonos.

Sabendo que as Humanidades constituem uma ampla e complexa área do conhecimento, que tem instrumentos capazes de conscientizar o ser humano sobre o seu papel no contexto sociocultural onde se insere, acreditamos que os currículos dos Cursos que nela se inscrevem devam permitir uma formação acadêmica voltada para o real e que seja eminentemente interdisciplinar. Assim, o conjunto de experiências proposto pelo Curso de Bacharelado em Humanidades deverá atuar como instrumento educativo que permita ao estudante tanto conhecer o seu contexto histórico quanto nele atuar de forma consciente.

Os estudos das Humanidades no BHU têm em vista o desenvolvimento de aptidões necessárias para a prática da pesquisa e do ensino. Dessa forma, o Curso de Bacharelado em Humanidades deve ter como preocupação primordial a formação de um profissional consciente e capaz do exercício profissional, atentando para o fato de que a construção do

saber é sempre resultado de um trabalho produzido em tempo e espaço delimitados e que, por isso mesmo, pode gerar produtos diferentes.

3.1. Objetivo Geral

Formar bacharéis em Humanidades capazes de atuar em instituições de pesquisa, museus, arquivos e demais instituições afins, públicas e privadas, de modo a promover a construção e a preservação do conhecimento social. Promover políticas sociais de acesso e democratização destes espaços a fim de que seja incentivada e garantida a necessária e dinâmica produção do conhecimento.

3.2. Objetivos Específicos

- Localizar e estudar os campos das Ciências Humanas, da Filosofia e das Artes, assim como suas mudanças ao longo do tempo, de modo a compreender as possibilidades de construção da inteligência social na sua multiplicidades de formas de interpretar e produzir o conhecimento interdisciplinar em Humanidades.
- Discutir as transformações que ocorrem no campo da pesquisa em Humanidades, através de uma ampla reflexão critica sobre a produção científica na área.
- Estudar e analisar as transformações que ocorreram e ocorrem nos espaços lusófonos sob a ótica das Ciências Humanas, da Filosofia e das Artes.
- Proporcionar experiências de pesquisa e de desenvolvimento de projetos que capacitem os graduandos para a produção do conhecimento no campo das Ciências Humanas, da Filosofia e das Artes, bem como para sua socialização através de textos de divulgação acadêmica.
- Formar profissionais que valorizem e incrementem o estudo e a difusão das culturas dos países parceiros, respeitando suas identidades e peculiaridades;
- Preparar os futuros bacharéis para uma escolha consciente e qualificada de um dos campos de formação específica no Instituto de Humanidades e Letras, nos quais poderão ingressar depois de formados.

- Formar bacharéis em Humanidades capazes de informar e de formar sujeitos leitores críticos do mundo.

4. BASE LEGAL

Os Bacharelados Interdisciplinares, por se tratarem de experiências acadêmicas muito recentes no Brasil, ainda não são objeto de uma regulamentação específica do Conselho Nacional de Educação. A base legal atual em que se apoia a sua criação, no plano da legislação federal, é o artigo 53, da Lei 9.394/96 (LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que assegura, no inciso I, às instituições universitárias, a autonomia para criação de novos cursos e, no inciso II, a liberdade de fixação dos seus currículos.

Os documentos normativos consultados para subsidiar a proposta dos Bacharelados Interdisciplinares são:

- O Parecer CNE/CES nº. 776, de 3/12/1997, que fornece orientação para as diretrizes curriculares dos Cursos de Graduação.
- O Parecer CNE/CES nº. 67, 11/3/2003, que aprova o Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN - dos Cursos de Graduação e propõe a revogação do ato homologatório do Parecer CNE/CES 146/2002.
- O Parecer CNE/CES nº. 108, 7/5/2003, que estabelece a duração de cursos presenciais de Bacharelado.
- O Parecer CNE/CES nº. 136, 4/6/2003, que apresenta esclarecimentos sobre o Parecer CNE/CES 776/97, que trata da orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação.
- O Parecer CNE/CES nº. 210, 8/7/2004, que aprecia a Indicação CNE/CES 1/04, referente à adequação técnica e revisão dos pareceres e resoluções das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação.
- O Parecer CNE/CES nº. 329, 11/11/2004, que estabelece a carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- O Parecer CNE/CES nº. 184, 7/7/2006, que apresenta a retificação do Parecer CNE/CES nº. 329/2004, referente à carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

- A Portaria nº 383, 12/04/2010, que estabelece as referências orientadoras para os bacharelados interdisciplinares e similares.
- A Resolução nº 2, 18/06/2007, que dispõe sobre a carga horária mínima e os procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.
- A LEI Nº 13.005, DE 25/06/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação.

São destacados nesses Pareceres, Portarias e Resoluções os dispositivos pertinentes não somente à possibilidade de implantação dos Bacharelados Interdisciplinares, mas também os aspectos característicos dessa modalidade de graduação, tais como: formação generalista, flexibilidade e interdisciplinaridade. Além desses documentos legais, cabe destacar o Projeto de Lei da Reforma Universitária, ora em tramitação no Congresso Nacional (PL 7.200/2006), que dedica à inovação da estrutura acadêmica dos cursos superiores apenas uma referência (§ 4º do artigo 44). Segue ela transcrita abaixo:

As instituições de ensino superior, na forma de seus estatutos ou regimentos e respeitadas as diretrizes curriculares nacionais, poderão organizar os seus cursos de graduação, exceto os de educação profissional tecnológica, incluindo um período de formação geral, em quaisquer campos do saber e com duração mínima de quatro semestres, com vistas a desenvolver: I – formação humanística, científica, tecnológica e interdisciplinar; II – estudos preparatórios para os níveis superiores de formação; e III – orientação para a escolha profissional.

5. PRINCÍPIOS CURRICULARES

Por meio deste Currículo, propomos um conjunto de atividades, de experiências e de situações de ensino-aprendizagem e de pesquisa a ser vivenciado pelos estudantes, de forma a assegurar-lhes uma formação consistente para a sua atuação profissional. Daí porque as atividades a serem desenvolvidas buscam articular a dimensões humana, técnica, político-social e ética.

Com a finalidade de construção e execução de um curso interdisciplinar, que cumpra a função de um primeiro ciclo de formação superior com a tarefa de preparar discentes para ingressarem num segundo ciclo de formação específica nas áreas das humanidades, elaboramos a grade curricular em torno de quatro eixos temáticos, desde os quais podem ser dadas as abordagens a partir de diferentes áreas disciplinares em diálogo num mesmo componente curricular. São estes eixos temáticos os seguintes:

Eixo 1: Pensamento, teoria e prática social: objetiva criar condições para uma apropriação conceitual de referências essenciais às humanidades, evidenciando diferentes tradições epistemológicas e teórico-metodológicas, em situações de ensino e aprendizagem marcadas pela interlocução empírica, pela problematização das realidades sociais, dialogando com os demais eixos e com ações de pesquisa e de extensão.

Eixo 2: Metodologias e pesquisa interdisciplinar em humanidades: este eixo tem como caráter fundamental se em pensamentos de fronteira nas teorias e práticas de pesquisa. O eixo contempla o debate sobre a construção do saber científico, colocando em evidência o aparecimento, a evolução e os diálogos possíveis entre os diferentes campos disciplinares das Humanidades, de modo a explorar as múltiplas articulações dos mesmos na esteira de formação de um pensamento complexo e interdisciplinar. Debate-se a necessidade de produção de conhecimento com relevância e compromisso social, contemplando a tensão dialética e criativa existente entre conhecimento global e local, objetivo e subjetivo, científico e popular.

Eixo 3: Linguagens, artes e culturas: este eixo orienta-se a partir de uma perspectiva interdisciplinar e intercultural privilegiando a relação indissociável entre composição e experimentação estética em atividades artísticas, culturais e literárias e o exame crítico-reflexivo de conceitos e teorias já produzidos nestas áreas de conhecimento. Propõe-se, como vetor mobilizador do Eixo, a valorização do caráter integrador promovido através de espaços dinâmicos de aprendizagem, tanto formais como não formais, problematizando, de formas múltiplas, os fenômenos artísticos, literários e culturais, incentivando o aluno egresso à formulação de um pensamento ético e estético com vistas a compreender a multiplicidade contemporânea de expressões artísticas em culturas diversas, enfatizando sua relevância social na comunidade em que está inserida.

Eixo 4: Identidade, território e poder: este eixo aborda as temáticas *identidade* e *território* a partir da problematização das relações de poder que perpassam espaços, sujeitos, culturas e direitos envolvidos nas complexas relações do pensamento e da ação. Ao manter uma proposta de aprendizagem marcada pela interlocução empírica, interdisciplinar e intercultural, as disciplinas que compõem este eixo estão orientadas pelas diretrizes da Unilab, em sua missão de internacionalização e regionalização do ensino. Assim, contemplar temas como: brasiliidades e africanidades (estereótipos e processos identitários); Relações étnico-raciais, religiosas e de gênero e questões relacionadas aos direitos humanos, mobilidades, migrações, meio ambiente, violência, colonialismo, resistência, movimentos sociais (etc)

permitirá a compreensão das diferenças e das desigualdades historicamente construídas, no cotidiano social, em um diálogo afinado com os eixos 1, 2 e 3. As ações de pesquisa e de extensão, voltadas prioritariamente para a discussão e formação multirreferencial desses conceitos, podem viabilizar rupturas epistemológicas condizentes à produção de uma cientificidade emancipatória e contra-hegemônica.

Nessa perspectiva, consideramos os seguintes princípios:

- Formação Profissional para a Cidadania, que contemple a necessária reflexão sobre as questões étnicorraciais e sobre o meio-ambiente, uma vez que a universidade deve ter o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual para que o profissional, por meio do questionamento permanente dos fatos, possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- Interdisciplinaridade como uma exigência do saber contemporâneo e, particularmente, do saber no campo das Humanidades, que, através de sua multiplicidade de temas, abordagens, questões e interpretações, e por meio da articulação de conteúdos e competências inerentes à Antropologia, à Sociologia, à Pedagogia, à História, à Filosofia, às Artes e à Política, promova o alargamento de questões e de modos de procedimento e de intervenção social, qualificando melhor os graduandos para a atuação profissional.
- Flexibilização curricular que possibilite, por meio de uma ampla oferta de disciplinas optativas, o acesso às variadas áreas do saber, conteúdos e abordagens diferenciadas a partir da escolha do estudante em sintonia com seus interesses de desenvolvimento acadêmico.
- Indissociabilidade entre teoria e prática, que é inerente a todo o conteúdo curricular, uma vez que o projeto pedagógico se sustenta nesta relação. Adotar este princípio é o pressuposto para desenvolver habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.
- Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de tal modo que permita aos professores e estudantes compreenderem concretamente o conhecimento acadêmico como um produto social que se constrói a partir da articulação entre a teoria e a prática.

- Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que promova um diálogo ativo com o contexto social em que os sujeitos do conhecimento se encontram inseridos, percebendo as conexões entre o local, o regional e o global.

6. METODOLOGIA

A implantação deste currículo não deve se limitar à operacionalização de um arranjo de conteúdos em disciplinas. Defendemos não simplesmente a formalização de novos conteúdos, mas a abertura para uma mentalidade renovada face aos objetivos do próprio do Curso, que estão justificados em sua função social. Portanto, o essencial a ser respeitado é uma postura teórico-metodológica atualizada face às próprias disciplinas ofertadas e ao contexto sociocultural.

Desse modo, defendemos a associação dos interesses dos docentes aos dos discentes, devendo haver uma política de atualização permanente que tanto possibilite a reprogramação das próprias atividades docentes, de modo a comportar ou dar mais espaço à pesquisa e à extensão, quanto permita ao docente atualizar-se, intensificando a sua prática de pesquisa de caráter interdisciplinar e promovendo uma contínua renovação da bibliografia utilizada nas disciplinas do Curso.

O curso operará com componentes que articulem o máximo possível teoria e prática e que ofereçam mecanismos de compreensão da historicidade da dinâmica social e das transformações dos saberes e fazeres no campo das Humanidades, mostrando a construção do saber científico através da identificação e da análise dos modelos teórico-metodológicos sob os quais os conteúdos estudados foram organizados.

7. PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Na formação do Bacharel em Humanidades, aqui proposta, o processo ensino-aprendizagem deve se constituir na perspectiva da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e da interdisciplinaridade, modo a garantir ao bacharel as habilidades, competências e capacidades técnicas e críticas para o exercício profissional nas áreas das Humanidades.

Objetivando a formação de graduados competentes e cidadãos, o que rege essa proposta curricular, em linhas gerais, é uma compreensão do processo de ensino-aprendizagem tanto como exercício crítico e democrático sobre o saber-fazer do profissional habilitado na interface dos diversos saberes que compõem a área das Humanidades, quanto

como espaço de diálogo entre estudantes e professores interessados em construir uma relação de cooperação e respeito mútuo.

Nesse espírito, o processo de ensino-aprendizagem será conduzido sob os auspícios do debate teórico-metodológico das Ciências Humanas, da Filosofia e das Artes, de modo a orientar professores e bacharelados para o necessário debate acerca dos princípios, dos conceitos e das categorias que possibilitaram a construção dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Com isso, o que se almeja é consolidar a compreensão da desnaturalização do conhecimento, da noção de que o conhecimento não está definitivamente pronto, como condição basilar para a formação de bacharéis conscientes de seu ofício.

Para levar a bom termo essa proposta é fundamental o emprego de novas metodologias de ensino, capazes de incorporar as novas tecnologias midiáticas, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, cativante e interativo.

Segundo a historiadora Circe Bittencourt (BITTENCOURT, 2004, p. 106-107), um dos principais pressupostos “em torno do qual as propostas de renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos têm se organizado é o de que os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias”.¹ Desse modo, acreditamos que a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) é importante não apenas por representarem certo “avanço” ou “progresso” das metodologias aplicadas pelo professor em sala de aula.

A adoção das TICs se justifica, sobretudo, por sua capacidade própria de permitir as conexões e as trocas de conhecimento de modo global, aproximando polos distanciados, encurtando distâncias e temporalidades, promovendo a articulação entre o local e o universal. Sendo assim, as TICs podem cumprir com a importante proposta da Unilab que é promover tanto o processo de interiorização quanto o de internacionalização do conhecimento. Por ser a Unilab uma IES fundada sob o binômio interiorização-internacionalização, acreditamos que as TICs se constituem em indispensável recurso de concretização desse projeto pedagógico, permitindo o acesso universal à uma educação de qualidade não apenas para os estudantes oriundos dos países parceiros da África e Ásia, mas, principalmente por envolver a comunidade local brasileira, em especial a do Maciço de Baturité, garantindo uma educação baseada na equidade de acesso.

Por outro lado, o uso das TICs possibilita também uma melhor qualificação profissional por incidir diretamente na formação de quadros docentes através tanto da democratização do acesso às tecnologias digitais, reduzindo significativamente os índices de exclusão digital que afetam não apenas os países lusófonos na África e na Ásia, mas inclusive

o Brasil quanto da possibilidade efetiva de se criar espaços extra-sala de aula que funcionem também como importantes lócus de produção e de circulação de saberes, como os ambientes virtuais de aprendizagem em que fóruns e chats, dentre outros, se configurem como espaços privilegiados de trocas e de conexões culturais, políticas e educacionais.

O desafio maior é promover o entendimento de que as TICs têm como utilidade maior o seu uso para fins educacionais e que quando bem orientadas e utilizadas se configuram como importantes recursos de ensino e aprendizagem imprescindíveis, na atualidade, para o combate ao racismo, ao sexismo e a qualquer outra forma de opressão humana.

7.1 Do professor

Nesse processo compete ao professor conduzir o bacharelado no aprendizado (ativo/reflexivo) sobre as ferramentas teórico-conceituais e técnicas necessárias ao saber-fazer-bem do bacharel em Humanidades, ensinando-lhe sobre como levantar problemas, como reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, e procurando transformar, em cada aula, temas humanísticos em problemáticas de pesquisa social.

7.2. Do estudante

No processo de ensino-aprendizagem aqui proposto o estudante assume um papel ativo e decisivo em sua formação, sendo estimulado, desde o início, a constituir-se como um intérprete crítico e autônomo na área de Humanidades.

8. PERFIL DO EGRESO

Em consonância com as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais (Resolução CNE/CES 17, de 13 de março de 2002, Parecer CNE/CES nº 1.363, de 12 de dezembro de 2001, Parecer CNE/CES nº 1.363, de 12 de dezembro de 2001) e com os princípios de formação em nível superior das Diretrizes da UNILAB, espera-se que o profissional egresso do curso de Bacharelado em Humanidades se dedique à análise do mundo dos conceitos, das ciências, do conhecimento e das informações e, também, atue com disciplina e rigor requeridos pelo distanciamento crítico frente ao senso comum; sendo ainda capaz de identificar e analisar problemas humanísticos, reconhecendo a especificidade do local e do regional, contextualizando-os e relacionando-os com o global.

O curso dará ao formando um perfil generalista, com conteúdos humanísticos amplos, com ênfase no pensamento crítico e na capacidade de contribuir para a transformação da sociedade em que irá atuar. Assim, espera-se que o profissional formado no curso de Bacharelado em Humanidades:

- Tenha consciência de seu papel como agente social, cidadão e profissional capaz de compreender e interpretar a realidade em que se insere, ao mesmo tempo em que domine as formas de produção e reconstrução do saber a respeito desse contexto sócio-cultural no qual está imerso;
- Compreenda que as diversas visões de mundo correspondem não só a práticas sócio-culturais diversas, mas também a processos diversos de produção de saberes e práticas;
- Adquira elementos que permitam a identificação de diferentes posições teóricas e metodológicas presentes nos conteúdos programáticos e na bibliografia do Curso de sua formação e que orientarão a elaboração de sua compreensão da cultura e da sociedade;
- Identifique a posição dos espaços lusófonos e do Brasil, em particular, no contexto das nações, compreendendo as injunções e os interesses que permeiam essas relações.

9. EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR

Na finalização do Curso, deposita-se expectativa na formação de profissionais preparados para atuar junto a arquivos públicos e privados, museus e instituições de pesquisa e de preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, bem como credenciados ao ingresso nos cursos ofertados pelo Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB, as terminalidades do Bacharelado em Humanidades, que são de formação específica em Antropologia, História, Sociologia e Pedagogia.

A aspiração é assim formar profissionais que tenham compromisso social e político com os saberes e fazeres da área de Humanidades e que sejam capazes de propor caminhos para se repensar as práticas humanas naquilo que envolve questões humanísticas.

9.1. Perfil geral dos egressos

Os egressos do Bacharelado em Humanidades, ao fim do curso, segundo as expectativas do projeto pedagógico, terão obtido:

- Formação genérica na área de Humanidades;
- Capacidade de dominar parcialmente o processo de produção e divulgação do conhecimento das Ciências Humanas, da Filosofia e das Artes em diversas perspectivas e possibilidades;
- Conhecimento acerca dos principais fundamentos teórico-metodológicos que orientam as análises históricas, antropológicas, sociológicas, filosóficas, artísticas, políticas e pedagógicas;
- Capacidade de refletir sobre o conhecimento produzido, utilizando-se de metodologias e técnicas adequadas ao exercício das pesquisas humanísticas;
- Capacidade de atuar na defesa da melhoria da pesquisa social e da preservação dos elementos decisivos à formação da cultura e do espírito humano, assim como na conservação dos patrimônios históricos e artísticos nacionais e internacionais;
- Capacidade de pesquisar e intervir na realidade social e de instituições de pesquisa, museus, instituições de preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, assim como arquivos públicos e privados.

9.2. Competências e Habilidades gerais dos egressos

Ao final do Curso, os graduados deverão:

- Dominar os conceitos, métodos e práticas principais propostos pela Antropologia, História, Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Artes;
- Conhecer os métodos e as técnicas de pesquisa que permitam a transformação do conhecimento científico em matéria de pesquisa para arquivos, museus e instituições, da rede pública e privada, voltadas para a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural;
- Ser capazes de exercer o trabalho de bacharel em Humanidades, em todas as suas dimensões, o que inclui o conhecimento de princípios básicos do

conhecimento humanístico e de práticas essenciais na produção e difusão desse conhecimento;

Ao bacharel em Humanidades, além do domínio dos conhecimentos específicos que norteiam sua abordagem teórica, fazem-se necessárias a compreensão, a identificação e a resolução de outras questões inerentes à sua prática profissional. Cabe-lhe, portanto, saber avaliar criticamente sua própria atuação, suas próprias referências, bem como as situações em que deve atuar, em instituições públicas administrativas, de preservação do patrimônio ou de educação, ONGs, movimentos sociais, etc.

9.3. Competências e Habilidades específicas dos egressos

Especificamente, os egressos deverão ser capazes de:

- Compreender o caráter interdisciplinar do conhecimento sobre a sociedade e a cultura;
- Suprir as demandas sociais no campo do conhecimento humanístico;
- Dominar as concepções teórico-metodológicas basilares que fundamentam as Ciências Humanas, a Filosofia e as Artes;
- Reconhecer e problematizar as múltiplas experiências dos sujeitos sociais;
- Conhecer e compreender as relações de espaço-tempo no que diz respeito ao problemas da Humanidades;
- Desenvolver pesquisas, propiciando a produção e a difusão de conhecimento no âmbito da academia e em outras instituições de ensino, pesquisa e órgãos de preservação de acervos e do patrimônio histórico, artístico e cultural em sentido amplo.

10. MERCADO DE TRABALHO

Os egressos do Curso de Bacharelado em Humanidades podem atuar em atividades profissionais de instituições públicas e particulares do Brasil e do Exterior. Enquadram-se neste campo instituições de pesquisa, museus, centros culturais e institutos de preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, bem como em toda e qualquer empresa ou entidade onde o serviço de um pesquisador social e/ou gestor de acervos culturais se faça necessário e onde classificações disciplinares convencionais estejam superadas. Além destes espaços, o

Bacharel em Humanidades está apto a desempenhar atividades profissionais de assessoria, consultoria, processos formativos, planejamento e gestão envolvendo entidades, movimentos e redes sociais que trabalham com monitoramento de direitos e de políticas públicas, mobilização social e articulação institucional. Incluem-se ainda conselhos e outras instituições e instâncias que articulem representações da sociedade civil e da sociedade política, bem como na criação e condução de sistemas, planos, programas e projetos de órgãos públicos diversos.

A existência de redes institucionais e públicas de pesquisa e gestão cultural ou patrimonial ou nos demais quadros de ação social, caracterizam um mercado para o Bacharel em Humanidades no que toca o sistema das ciências humanas nos países membros da CPLP. O crescimento de políticas públicas direcionadas à difusão do conhecimento humanístico e de diálogo junto a redes e movimentos sociais ampara essa percepção na forma das instituições acima descritas. Ligado a esse universo estão empresas públicas e programas voltados à arte, à cultura e às políticas sociais de modo mais amplo, desenvolvidos segundo práticas apreciadas e incentivadas pela comunidade internacional. Nestes, existem demandas para formados em áreas inter, multi e transdisciplinares, capacitados à pesquisa e a compreensão do fenômeno humano em seus diversos aspectos. Aqui, o Bacharel em Humanidades encontra lugar, dada as duas características mais marcantes de sua formação: o trânsito entre conhecimentos diferentes e a sistemática formação sócio-política sobre o mundo contemporâneo.

No caso das empresas privadas e de inúmeras formas de organizações não governamentais, o mercado de trabalho para o Bacharel em Humanidades associa-se também a projetos direcionados ao campo da cultura, da arte e do estímulo aos conteúdos humanísticos por parte de iniciativas de responsabilidade social de grupos particulares; assim como outros tipos de conexões entre o espaço público e a mobilização e articulação de setores da sociedade civil. A crescente atuação de empresas, organizações e movimentos sociais dos países de Língua Portuguesa na construção de novas realizações sob o tema das Humanidades tem o potencial de atrair os formados no curso. Por fim, o Bacharel em Humanidades ainda coloca-se apto a estabelecer iniciativas como profissional autônomo na condução de projetos científicos, de assessoria e consultoria ou artístico-humanísticos, amparados por editais públicos ou por interesses de investidores privados, agregando-se ao mundo de empreendedores sociais ampliado na última década.

11. ESTRUTURA CURRICULAR

Apresentamos, aqui, a estrutura curricular do Curso de Bacharelado em Humanidades, consolidada em conformidade com o *Parecer CNE/CES 492/2001*, que orienta que “Os cursos devem incluir no seu projeto pedagógico os critérios para o estabelecimento das disciplinas obrigatórias e optativas, das atividades acadêmicas do bacharelado e da licenciatura, e a sua forma de organização: modular, por crédito ou seriado.”⁸

11.1. Fluxo de Integração Curricular

O fluxo de Integração Curricular do Bacharelado em Humanidades é de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas-aula⁹ distribuídas em Matriz Curricular trimestral, da seguinte maneira:

1º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Inserção à Vida Universitária	15	-	Não	-
	Iniciação ao Pensamento Científico	45	-	Não	-
	Sociedades, diferenças e direitos humanos nos espaços lusófonos	60	-	Não	-
	Leitura e Produção de Texto I	60	-	Não	-
	Estrutura e relação social	60	-	Não	-
	Expressões artísticas e estéticas contemporâneas	60	-	Não	-
Carga Horária do Semestre					300h/a

⁸ BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001*. [Brasília], 03 de abril de 2001, p. 27.

⁹ Esta carga horária foi fixada de acordo com o que estabelece a *Resolução CNE/CES nº. 2, DE 18/6/2007*, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e à duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, no Brasil.

2º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Leitura e Produção de Texto II	60	-	Não	-
	Experiência, prática e significado	60	-	Não	-
	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em humanidades	60	-	Não	-
	Estudo das performances culturais	60	-	Não	-
	Território e poder	60	-	Não	-
Carga Horária do Semestre					300 h/a

3º SEMESTRE					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Oficina de Metodologia I	60	-	Não	-
	Linguagem, pensamento crítico e interculturalidade	60	-	Não	-
	Identidade e poder	60	-	Não	-
	Optativa I	60	-	Não	-
	Optativa II	60	-	Não	-
	TCC I	300	-	Met. da Pesq. Interdisciplinar em Humanidades	90
Carga Horária do Semestre					600 h/a

4º SEMESTRE						
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH	
	Oficina de Metodologia I	60	-	Não	-	
	Optativa III	60	-	Não	-	
	Optativa IV	60	-	Não	-	
	Optativa V	60	-	Não	-	
	Optativa VI	60	-	Não	-	
	TCC II	300	-	TCC I	300	
	Carga Horária do Trimestre					600 h/a

ATIVIDADES COMPLEMENTARES 360 h/a

ATIVIDADES DE EXTENSÃO 240 h/a

CARGA HORÁRIA TOTAL 2.400 h/a

11.2. Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB

NÚCLEO OBRIGATÓRIO COMUM DA UNILAB						
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	Teo./Prat.	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Inserção à Vida Universitária	15	4.0	-	Não	-
	Iniciação ao Pensamento Científico	45	4.0	-	Não	-
	Sociedades, diferenças e direitos humanos nos espaços lusófonos	60	4.0	-	Não	-
	Leitura e Produção de Texto I	60	4.0	-	Não	-
	Leitura e Produção de Texto II	60	4.0	-	Não	-
Carga horária total						240 h/a

11.3. Núcleo Obrigatório de Conhecimento em Humanidades

NÚCLEO OBRIGATÓRIO DE CONHECIMENTO EM HUMANIDADES						
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	Teo./Prat	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Estrutura e relação social	60	4.0	-	Não	-
	Experiência, prática e significado	60	4.0	-	Não	-
	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em humanidades	60	4.0	-	Não	-
	Oficina de metodologia I	60	4.0	-	Não	-
	Oficina de Metodologia II	60	4.0	-	Não	-
	Expressões artísticas e estéticas contemporâneas	60	4.0	-	Não	-

	Estudo das performances culturais	60	4.0	-	Não	-
	Linguagem, pensamento crítico e interculturalidade	60	4.0	-	Não	-
	Território e poder	60	4.0	-	Não	-
	Identidade e poder	60	4.0	-	Não	-
Carga horária total						600 h/a

11.4. Trabalho de Conclusão de Curso

TCC – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO						
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	Teo./Prat.	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	TCC I	300	18		Meto. da Pesq. Interdisciplinar em Humanidades	60
	TCC II	300	18		TCC I	300
Carga horária total						600 h/a

11.5 Atividades Complementares

NÚCLEO ATIVIDADES COMPLEMENTARES					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Atividades Complementares	360	-	Não	-
Carga horária total					360 h/a

11.6. Atividades de Extensão

NÚCLEO ATIVIDADES DE EXTENSÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH
	Atividades de Extensão	240	-	Não	-
Carga horária total					240 h/a

11.7. Núcleo de Componentes Optativos

NÚCLEO OPTATIVO							
CÓDIGO	DISCIPLINA	CH	Teo./Prat	CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CH	
	Literatura e Feminismos Contra-Hegemônicos	60	4.0	-	Não	-	
	Literatura e Relações de Gênero	60	4.0	-	Não	-	
	Antropologia das Populações Afro-Brasileiras	60	4.0	-	Não	-	
	Antropologia das Populações Indígenas	60	4.0	-	Não	-	
	Filosofia da Ancestralidade e da Educação	60	4.0	-	Não	-	
	Fundamentos Filosóficos e Práticos da Capoeira e do Samba	60	4.0	-	Não	-	
	Tópicos em História de Angola	60	4.0	-	Não	-	
	Tópicos em História de Guiné-Bissau	60	4.0	-	Não	-	
	Sociologia da Cultura e das Práticas Culturais	60	4.0	-	Não	-	
	Geopolítica do Poder	60	4.0	-	Não	-	

	Literatura Guineense	60	4.0	-	Não	-
	Tópicos Especiais em Língua Ingelsa I	60	4.0	-	Não	-
	Tópicos Especiais em Língua Ingelsa II	60	4.0	-	Não	-
	Tópicos Especiais em Humanidades I	90	4.0	-	Não	-
	Tópicos Especiais em Humanidades II	90	4.0	-	Não	-
	Tópicos Especiais em Humanidades III	90	4.0	-	Não	-
	Tópicos Especiais em Humanidades IV	90	4.0	-	Não	-
Carga horária a ser cursada de componentes optativos						360 h/a

11.8. Resumo da Matriz Curricular

RESUMO DA MATRIZ CURRICULAR	
Núcleo Obrigatório do Conhecimento em Humanidades	600 h/a
Núcleo Obrigatório Comum da UNILAB	240 h/a
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso	600 h/a
Atividades Complementares	360 h/a
Atividades de Extensão	240 h/a
Núcleo Optativo	360 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL	2.400 h/a

11.9. Fluxograma

1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	3º SEMESTRE	4º SEMESTRE
Inserção à vida universitária (15h)	Leitura E Produção De Texto II (60h)	Oficina de Metodologia I (60h)	Oficina de Metodologia II (60h)
Iniciação ao pensamento científico (45h)			
Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos (60h)	Experiência, prática e significado I (60h)	Linguagem, Pensamento crítico e interculturalidade (60h)	Componente optativo (60h)
Leitura E Produção De Texto I (60h)	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades (60h)	Identidade e poder (60h)	Componente optativo (60h)
Estrutura e relação social (60h)	Estudo das performances culturais (60h)	Componente optativo (60h)	Componente optativo (60h)
Expressões artísticas e contemporâneas (60h)	Território e poder (60h)	Componente optativo (60h)	Componente optativo (60h)
		TCC I (300h)	TCC II (300h)

12. INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR (CARGA HORÁRIA DO CURSO)

Em cumprimento ao que estabelece a *Resolução CNE/CES N°. 2*, de 18 de junho de 2007, que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, no Brasil, e em conformidade com o que orienta o *Parecer CNE/CES n°. 136*, de 4 de junho de 2003, que trata da orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação, os estudantes do Curso de Bacharelado em Humanidades com ingresso a partir de 2015 terão que cumprir a carga horária mínima de 2.400 horas, sendo 240 horas de disciplinas do núcleo comum da UNILAB, 900 horas em disciplinas obrigatórias de conhecimento de Humanidades, 360 horas em componentes optativos, 300 horas de disciplinas vinculadas à confecção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), 360 horas em atividades complementares e 240h em atividades de extensão.

Aos estudantes exige-se a apresentação, com sucesso, perante banca de três professores, entre os quais obrigatoriamente estará o professor-orientador, de um Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido em procedimento normatizado pelo Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estabelecido neste documento.

Os casos não contemplados nas situações acima serão estudados individualmente pelo Núcleo Docente Estruturante e pelo Colegiado do Curso.

13. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

O estudante deverá obrigatoriamente desenvolver atividades complementares na forma de atividades acadêmico-científico-culturais, perfazendo um total de 360 horas-aula, que deverão ser cumpridas ao longo dos trimestres letivos. Esta carga horária obedece à seguinte orientação do Conselho Nacional de Educação:

Parágrafo único. Os estágios e atividades complementares dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, não deverão exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso, salvo nos casos de determinações legais em contrário. (BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *RESOLUÇÃO N° 2*, [Brasília], 18 DE JUNHO DE 2007, p. 2).

As atividades complementares visam atender aos seguintes princípios dos Bacharelados Interdisciplinares: prática integrada da pesquisa e extensão articuladas ao currículo; vivências nas áreas artística, humanística, científica e tecnológica; competências e habilidades adquiridas em outras formações e contextos; valorização do trabalho de

equipe; entre outros (SESU/MEC Portaria no. 383/2010). Assim, as atividades complementares, assim como as atividades de extensão, deverão, portanto, permitir ao estudante vivenciar, no decorrer de todo o curso, experiências que possibilitem a aquisição de conhecimentos profissionais diversificados e indispensáveis ao exercício da prática docente, de forma que o conduza a um aprofundamento em áreas de interesse e atenda a mudança expressiva no perfil estudantil, como indicam os Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e similares, estabelecidos pela Portaria Nº. 383/2010 (SESU/MEC).

Nos termos da Resolução Nº 24/2011 do CONSUP da UNILAB, as atividades complementares são práticas acadêmicas que tem por objetivo diversificar o processo de ensino-aprendizagem, propiciando vivências significativas, articulando teoria e prática, contribuindo para uma formação profissional e cidadã ampla, assim como para uma compreensão ampla dos processos históricos, culturais e sociais.

Por fim, lembrando que um dos principais objetivos do Curso de Bacharelado em Humanidades é a preparação dos estudantes para o ingresso nos cursos de Antropologia, Filosofia, História, Pedagogia e Sociologia, que compõem a formação complementar do Instituto de Humanidades e Letras, as atividades complementares também se constituem em espaços curriculares que visam assegurar a seguinte diretriz para a formação de professores da educação básica:

[...] é preciso instituir tempos e espaços curriculares diversificados como oficinas, seminários, grupos de trabalho supervisionado, grupos de estudo, tutorias e eventos, atividades de extensão, entre outros capazes de promover e, ao mesmo tempo, exigir dos futuros professores atuações diferenciadas, percursos de aprendizagens variados, diferentes modos de organização do trabalho, possibilitando o exercício das diferentes competências a serem desenvolvidas. (BRASIL Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Ensino. *Parecer CNE/CS 009/2001*, de 8 de maio de 2001 [Brasília], 2001. p.39).

Dessa forma, serão consideradas no cômputo das horas as seguintes atividades, desde que reconhecidas, supervisionadas e homologadas pela Coordenação do Curso: participação em eventos de caráter científico e/ou culturais e/ou sociais como seminários, congressos, com ou sem apresentação de trabalhos; monitorias; participação em projetos de pesquisa e de extensão; cursos de aprendizagem de novas tecnologias aplicadas ao

saber-fazer no campo das humanidades; dentre outras atividades previstas no presente documento.

E, por fim, para atender a estratégia do Plano Nacional de Educação – 2014 de “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (PNE/JUNHO DE 2014), o curso exige 240h de participação de seus estudantes em projetos de extensão.

A comprovação de cumprimento da carga horária pelo estudante em atividades de extensão se realizará por meio de certificações, declarações ou relatórios emitidos pela Pro-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX).

Para fins de registro no histórico escolar do estudante deve-se considerar as seguintes atividades complementares:

- Atividades complementares por equivalência de carga horária integralizada e cargas horárias mínima e máxima por bloco
- Carga horária de atividades complementares exigida para a integralização do curso: 360h
- Carga horária de atividades de extensão exigida para a integralização do curso: 240h

Atividade	Equivalência	CH Mínima	CH Máxima
Atividades de formação social, humana e cultural		60	120
Participação em eventos artísticos e culturais — visitação a exposições museológicas, participação em festivais e mostras culturais e em grupos artísticos, participação em cursos de arte de curta duração (dança, música, teatro, cinema, quadrinhos etc.)	direta	-	120
Apresentação ou organização de eventos artísticos e culturais — curadoria de exposições, organização de festivais e mostras culturais, organização e facilitação de cursos de arte de curta duração (dança, música, teatro, cinema, quadrinhos etc.), atuação ou direção de espetáculos teatrais ou musicais, exposição de trabalhos artísticos em mostra ou exposição individual ou coletiva (artes plásticas ou audiovisual)	20h / temporada	-	120
Participação em eventos desportivos, da Unilab e outros de natureza pública como atleta ou técnico	direta	-	120
Atividades de iniciação científica, tecnológica ou de formação profissional		60	120
Iniciação à docência — participação em programa oficial de monitoria (como bolsista ou voluntário)	60h / trimestre	-	120
Iniciação à pesquisa — participação em programas PIBIC, PET ou PIBIT (como bolsista ou voluntário), participação em Grupos de Pesquisa sediados na Unilab	60h / trimestre	-	120
Participação em congressos, encontros e colóquios acadêmicos	direta	-	120
Apresentação de trabalhos em congressos, encontros e colóquios	20h / trabalho	-	120
Publicação de resumos ou resumos expandidos em eventos acadêmicos	40h / trabalho	-	120
Publicação de trabalhos completos em anais de eventos acadêmicos, artigos de periódicos acadêmicos (constantes da base de dados Qualis da Capes), capítulos de livros em editora universitária ou com conselho editorial.	80h / trabalho	-	120
Participação em cursos de formação acadêmica, minicursos, oficinas e outras formas de formação acadêmica	direta	-	120

Atividade	Equivalência	CH Mínima	CH Máxima
complementar			
Facilitação de cursos de formação acadêmica, minicursos, oficinas e outras formas de formação acadêmica complementar	direta	-	120
Participação em bancas de defesa de graduação ou pós-graduação (como ouvinte)	2h /evento	-	120
Participação em programas PBIDIN e PROBTI	60 h / trimestre	-	120
Participação em atividades associativas e de cunho comunitário		-	120
Participação em Órgãos Colegiados da Unilab	30 h / trimestre	-	120
Participação em comissões de trabalho da Unilab	20 h / comissão	-	120
Participação em entidade estudantil	40 h / trimestre	-	120
Participação em organizações da sociedade civil — participação em associações, movimentos populares, sindicatos, partidos políticos e demais organizações da sociedade civil.	40 h / trimestre	-	120
Atividades de extensão		240	240
Participação em projeto ou programa de extensão (bolsista ou voluntário)	80 h /trimestre	-	240
Participação em curso de extensão	direta	-	240
Participação em atividades de extensão	direta	-	240
Facilitação ou monitoria de curso ou atividade de extensão	direta	-	240

14. ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A extensão é entendida como o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa para a produção e a disseminação do saber universal, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países parceiros, viabilizando a relação transformadora entre Universidade e Sociedade, nos termos da Resolução Nº 27/2011 do Conselho Superior da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Parágrafo único – As ações de extensão devem buscar promover o diálogo e a interação com a comunidade, de forma que o ensino e a pesquisa sejam fundamentados e integrados à realidade social, dentro de uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, contribuindo para a capacidade de desenvolver tecnologia e inovação, além de fomentar ações indutoras de mudança e/ou transformações sociais.

Art. 2º A Extensão é entendida como o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa para a produção e a disseminação do saber universal, contribui para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países parceiros e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”.

O curso exige 240h de participação de seus estudantes em ações de extensão, considerando a vocação de integração e de desenvolvimento da Unilab, com impactos regionais, no Brasil e demais países parceiros, atendendo a estratégia do Plano Nacional de Educação – 2014 de “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (PNE/JUNHO DE 2014),

A comprovação de cumprimento da carga horária pelo estudante em atividades de extensão se realizará por meio de certificações, declarações ou relatórios emitidos pela Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) e/ou pelos Coordenadores das ações, cabendo à Coordenação do Curso acompanhar, avaliar e integralizar o aproveitamento das atividades de extensão, nos termos deste PPC e da Resolução Nº 27/2011 do Conselho Superior da UNILAB.

Atividades de extensão por equivalência de carga horária integralizada e cargas horárias mínima e máxima por bloco:

Atividades de extensão		240	240
Participação em projeto ou programa de extensão (bolsista ou voluntário)	80 h /trimestre	-	240
Participação em curso de extensão	direta	-	240
Participação em atividades de extensão	direta	-	240
Facilitação ou monitoria de curso ou atividade de extensão	direta	-	240

15. AVALIAÇÃO

15.1. Da Aprendizagem

A sistemática de avaliação da aprendizagem será feita com base nas normas estabelecidas pela resolução 27/2013 da UNILAB, sendo que o professor deve adotar um sistema de avaliação acadêmica de caráter diagnóstico baseado nos tipos de avaliação formativa ou contínua e avaliação somativa.

Para alcançar aprovação final em cada um dos componentes curriculares do Curso de Bacharelado em Humanidades, o estudante deverá obter média parcial igual ou superior a 7,0 (sete). Caso o estudante obtenha média parcial inferior a 7,0 (sete) mas igual ou superior a 4,0 (quatro), lhe será facultado a realização de um Exame Final. No Exame Final, o estudante, para a aprovação, deverá obter um conceito que, somado à média parcial e dividido por 2, resulte em uma nota igual ou superior a 5,0 (cinco).

Os estudantes também avaliarão, ao fim de cada trimestre, os componentes curriculares por que passaram. Essa avaliação deverá indicar para a direção do Instituto, coordenação, NDE e colegiado do curso o desempenho do professor e situação da oferta do componente, de modo que estes sejam capazes de detectar problemas a serem corrigidos no planejamento da disciplina, contribuindo para a melhoria da qualidade do profissional que se pretende formar.

15.2. Do Currículo

O Currículo para o Curso de Bacharelado em Humanidades foi implantado em 2012 e revisto em 2013 e 2014. Ele está estar sujeito à:

- Acompanhamento permanente, por parte da Coordenação de Curso de Bacharelado em Humanidades e do Colegiado do Curso, com a supervisão do Núcleo Docente Estruturante;
- Debate por parte de um fórum de discussão do Curso, bem como a realização de encontros com estudantes, professores e egressos para a verificação dos resultados alcançados;
- A uma periódica avaliação formal para detectar se há necessidade de alterações pontuais.

15.2.1. Da metodologia de avaliação do currículo

A avaliação do currículo do Curso de Bacharelado em Humanidades acontece com base nos seguintes procedimentos:

- Reunião periódica do Núcleo Docente Estruturante com o objetivo de avaliar a dinâmica de integração curricular, a correspondência da prática com o projeto e necessidade de revisão do projeto para o aperfeiçoamento da prática;
- Avaliação da elaboração e execução dos planos de componentes curriculares de acordo com o que estabelecem as ementas definidas neste projeto pedagógico;
- Aplicação, ao final de cada período letivo, de um questionário de avaliação do desenvolvimento de cada componente curricular ofertado;
- Realização de pesquisas periódicas para detectar o grau de satisfação dos egressos com a formação recebida e sua relação com o mundo do trabalho.

16. INFRAESTRUTURA

Há a necessidade de criação de mais espaços físicos na UNILAB para o funcionamento das múltiplas atividades a serem desenvolvidas pelo Bacharelado em Humanidades, bem como para abrigar as licenciaturas e bacharelados específicos a ele vinculados. Esses espaços já estão sendo planejados e discutidos com o grupo gestor, levando em conta as possibilidades concretas de conclusão das obras dos *Campi* definitivos da universidade.

A carência inicial do referido ambiente, contudo, não impede de pensar outras maneiras de efetivar nossas ações. Cientes das condições infraestruturais do Campus da Liberdade, com o espaço físico da UNILAB ainda em fase de construção, o Bacharelado em Humanidades iniciou suas atividades, provisoriamente, em uma sala destinada a sua administração e deslocou as suas aulas para o período noturno no intuito de utilizar o espaço ocioso destinado aos cursos que já funcionam no período diurno. Desde o início do ano de 2013, o curso também ocupa espaço no Bloco Didático do Campus dos Palmares (sala administrativa e salas de aula).

Em cumprimento à Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, e ao Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, que estabelecem normas gerais para promoção da acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, a Unilab possui instalações acadêmicas com equipamentos que facilitam o acesso e a circulação dos que necessitam de condições especiais para tanto.

Os espaços onde funcionam as atividades didático-acadêmicas do Curso de Bacharelado em Humanidades, o Campus da Liberdade e a Unidade Acadêmica dos

Palmares, possuem, para os andares térreos, rampas de acesso para uso de cadeirantes e demais pessoas com mobilidade reduzida. Para os andares superiores, há elevadores destinados ao uso prioritário de estudantes e servidores com mobilidade reduzida, em processo de implantação. Há, ainda, em ambos os locais acima discriminados, banheiros adaptados para o uso de pessoas com mobilidade reduzida.

Por fim, importa registrar aqui os esforços que estão sendo empreendidos pela Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI) para que o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) seja adaptado ao uso de pessoas com deficiência visual e auditiva.

Em se tratando de ações que visam apoiar e fortalecer a existência de grupos de estudos no Curso de Bacharelado que desenvolvem pesquisa e extensão, há o auxílio institucional para tornar viável a criação de espaços físicos, bem como a aquisição de equipamentos, necessários à execução das propostas desses grupos de estudos. Há ainda, além da busca institucional por editais de financiamento de pesquisas, como, por exemplo, os Editais FINEP, o incentivo aos docentes ligados ao curso para a elaboração de projetos para órgãos de fomento à pesquisa que prevejam tais apoios em seu delineamento orçamentário.

Para o seu pleno e satisfatório funcionamento, o curso de Bacharelado em Humanidades necessitará de um Coordenador de Curso. A esse coordenador deverá ser concedida a gratificação salarial pertinente ao cargo de coordenador de curso de graduação, segundo as normas da Unilab. O Curso necessitará, ainda, de dois servidores técnicos administrativos para atuar na Secretaria do curso.

O número de professores vinculados ao curso é atualmente de 64 (sessenta e quatro) docentes, a maior parte dos quais ministram também disciplinas nos cursos de segundo ciclo (Bacharelado em Antropologia, Pedagogia, Licenciatura em História e Licenciatura em Sociologia) como forma de incentivar a permanente vinculação e articulação entre os dois ciclos e suas respectivas dimensões da formação universitária, a geral e a específica. Outros docentes também ministram disciplinas no curso de Licenciatura em Letras e no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, ofertados no âmbito do Instituto de Humanidades e Letras, e no Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis. Dessa forma, os professores do curso de Bacharelado em Humanidades também tomarão assento nos colegiados dos cursos de segundo ciclo, de Letras, e do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades e do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis

- podendo, alguns deles, participar de seus respectivos Núcleos Docentes Estruturantes, e reforçando os vínculos entre os vários níveis e as diversas áreas da formação universitária.

Será observada a oferta, por professor, de duas disciplinas por período letivo, de acordo com a prática no Instituto de Humanidades e Letras e em conformidade com os critérios de qualidade máxima definidos pelo INEP, sendo, preferencialmente, uma no primeiro e outra no segundo ciclo, além do incentivo à participação de todos os professores vinculados ao curso em projetos de pesquisa e extensão. Dessa forma, observa-se uma equivalência de 64 professores em tempo integral dedicados ao curso, o que significa que a taxa de vagas anuais por professor está plenamente adequada aos critérios de qualidade máxima definidos pelo INEP, de 20:1. Também adequam-se aos critérios de qualidade máxima do INEP a quantidade de alunos por professor nas turmas de disciplinas com componentes teóricos, que variam de 30:1 a 50:1, a depender das especificidades de cada componente curricular.

17. APOIO AOS DISCENTES: O PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE (PAES)

Mais de 80% dos estudantes do Bacharelado em Humanidade são assistidos pelo Programa de Assistência ao Estudante (PAES) da UNILAB. O programa é regido pela Resolução nº 07/2012 e nº 10/2012 da UNILAB.

Faz parte da política estudantil da universidade oferecer, dentro das possibilidades do orçamento, apoio institucional para os estudantes matriculados em cursos de graduação presencial, cujas condições socioeconômicas são insuficientes para a permanência e êxito na trajetória acadêmica. Os auxílios provenientes do Programa de Assistência ao Estudante da Unilab são concedidos aos estudantes por meio de editais específicos.

Deve-se salientar que o ato de se candidatar ao edital não garante ao estudante recebimento do benefício, pois o atendimento do pedido, por parte da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis, depende da comprovação de vulnerabilidade socioeconômica e/ou disponibilidade orçamentária, que significa que a UNILAB não garante repasse de auxílios a todos os estudantes. Os valores dos auxílios têm o objetivo de complementar os recursos dos estudantes e assim dar suporte à sua formação.

O Paes prevê seis modalidades de auxílio. O estudante poderá ter direito a até dois destes auxílios, mediante comprovação de sua necessidade de recebê-los:

a) Auxílio-moradia: visa garantir as condições de residência nos municípios sede dos Campi da Unilab, cujo grupo familiar resida distante da sede do curso presencial onde o estudante se encontra regularmente matriculado (fora da zona urbana dos municípios dos Campi). É avaliado também quando o acesso aos Campi seja dificultado pela ausência de transporte regular, pela distância ou por outros fatores devidamente justificados, com documentação pertinente.

É concedido Auxílio Moradia, no valor de 380,00 (trezentos e oitenta reais), por mês, por até 24 (vinte e quatro) meses, renováveis se comprovado o atendimento dos critérios exigidos, além de depender da disponibilidade de recursos orçamentário, durante o período da formação do estudante.

b) Auxílio-instalação: visa apoiar os estudantes beneficiários do Auxílio Moradia a promoverem condições de fixação de residência nos municípios sede dos Campi da UNILAB, no que se refere à aquisição de mobília, eletrodomésticos, utensílios domésticos, entre outros.

O valor correspondente ao auxílio é de, no mínimo, um e, no máximo, dois Auxílios Moradia, conforme análise de critérios e disponibilidade de recursos orçamentários..

c) Auxílio-transporte: visa complementar despesas com transporte e apoiar no deslocamento para a Unilab, assegurando-lhes as condições para acesso às atividades universitárias.

O auxílio possui valor máximo de 270,00 (duzentos e setenta reais) por mês, por até 24 (vinte e quatro) meses, renováveis se comprovado o atendimento dos critérios exigidos e dependendo da disponibilidade de recursos orçamentários, durante o período de formação do estudante.

d) Auxílio-alimentação: visa complementar despesas com alimentação e apoiar na permanência em tempo integral na universidade.

É concedido o auxílio no valor máximo de 150 (cento e cinquenta reais), por mês, por até 24 (vinte e quatro) meses, renováveis, se comprovado o atendimento dos critérios exigidos e dependendo da disponibilidade de recursos orçamentários, durante a formação do estudante.

e) Auxílio social: visar apoiar estudantes em situação de elevado grau de vulnerabilidade socioeconômica na permanência em tempo integral na universidade, em que não se aplique a concessão dos auxílios Moradia e Instalação.

O auxílio é concedido no valor de 380,00 (trezentos e oitenta reais) por mês, por até 24 (vinte e quatro) meses, renováveis, se comprovado o atendimento dos critérios exigidos e dependendo da disponibilidade de recursos orçamentários, durante a formação do estudante.

f) Auxílio emergencial: auxílio de natureza eventual e provisória, concedido de forma excepcional, enquanto perdurar a situação geradora do caráter emergencial, aos estudantes cujas condições de extrema vulnerabilidade socioeconômica ponham em risco sua permanência na universidade.

18. REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DOS CURSOS (TCC) DO CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

TÍTULO I

SEÇÃO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º – Este Regulamento tem por finalidade estabelecer normas para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Parágrafo único - O TCC é requisito indispensável à integralização curricular.

Art. 2º – O TCC, atividade curricular integrante dos currículos do Curso de Bacharelado em Humanidades, é obrigatório. As disciplinas TCC I e TCC II têm por objetivo proporcionar ao estudante experiência em pesquisa necessária ao bom desempenho profissional.

Art. 3º – O TCC será elaborado individualmente, sobre problemas de natureza social e filosófica nos campos da História, Filosofia, Educação, Sociologia, Artes, Política e Antropologia, levando em consideração as experiências nos Laboratórios de Pesquisa ligados ao Bacharelado em Humanidades, tendo por princípio a sua relevância social e científica.

Art. 4º Serão aceitas como modalidades de TCC: projeto de pesquisa ou produções imagéticas (áudio-visual, fotografia, etc.).

§ 1º As produções textuais deverão seguir as normas de escrita acadêmicas estabelecidas pela ABNT.

§ 2º As produções imagéticas deverão estar acompanhadas de produção textual que as fundamentem teórico-metodologicamente.

§ 3º O Projeto de Pesquisa é pensado como um trabalho de conclusão do Curso. Desta forma, o mesmo deverá ser desenvolvido a partir de um processo que contemple a relação dialógica docente-discente, tendo em vista o cumprimento das atividades de orientação que estimulem a autonomia e a criatividade do(a) discente no que diz respeito a sua formação crítico-reflexiva como profissional das Humanidades. A redação final do Projeto de Pesquisa deve conter entre 20 e 35 páginas, não sendo contabilizados os elementos pré/pós-textuais, contemplando o máximo de pontos abaixo, utilizados e formatados a critério do(a) orientador(a), de acordo com as necessidades da pesquisa:

Apresentação: Neste item podem ser abordados elementos da trajetória inicial de pesquisa; esclarecimento da temática geral ou do contexto em que o objeto está inserido; apresentação

do objeto a ser investigado, ou mesmo uma exposição qualitativa das características gerais da proposta.

Delimitação do Objeto ou do fenômeno a ser investigado: Definir o objeto/fenômeno de pesquisa, incluindo sua explicitação na forma de objetivos geral e específicos; ou sistematizar a construção do objeto/fenômeno.

Justificativa: Exposição da relevância da pesquisa em desenvolvimento, explicitando motivações, implicações sociais e eventuais contribuições para a construção do conhecimento no campo das Humanidades.

Problematização/Construção do objeto: Exposição dos argumentos centrais do objeto/fenômeno de pesquisa, apresentando as relações entre o mesmo e alguns debates acadêmicos sobre a temática, bem como explorando as questões a serem abordadas a partir desta. Outra opção é, a partir do tema mais geral de interesse do(a) discente, abordar a bibliografia e identificar inquietações não respondidas, ou passíveis de argumentação mediante a experiência pessoal ou de pesquisa exploratória.

Revisão bibliográfica: Análise da literatura básica, discutindo as abordagens teóricas que fundamentam o objeto/fenômeno de pesquisa, assim como os conceitos e as categorias centrais trabalhados para o desenvolvimento do mesmo. Além disso, também é possível desenvolver uma discussão sobre o referencial teórico mais amplo dando ciência do conhecimento de outras abordagens.

Reflexões metodológicas/Aspectos Teórico-Metodológicos: Apresentar uma reflexão metodológica que articule o nível teórico com os objetivos, buscando estabelecer os meios pelos quais se acredita poder responder às questões da pesquisa. Podem ser incluídos os fundamentos epistemológicos que orientam a seleção, organização, leitura e interpretação dos dados coletados, indicando quais os limites e as possibilidades argumentativas destes.

Métodos/Desenho dos instrumentos: Exposição das técnicas de coleta e análise de dados (quantitativas, qualitativas, crítico-participativas e audiovisuais), enumerando participantes, instrumentos, procedimentos e aspectos do acervo/universo empírico que conferirão materialidade ao objeto.

Levantamento bibliográfico e outras fonts: Uma indicação ampla da bibliografia relevante – da qual certamente a parte lida para elaborar o projeto consta nas referências bibliográficas – para definir bibliograficamente os campos empírico, metodológico e teórico.

Referências Bibliográficas e outras fontes: Citação das obras e outros documentos utilizados na redação do Projeto de Pesquisa de acordo com as normas da ABNT.

§ 4º O TCC deverá obedecer às normas éticas da pesquisa científica, sendo o estudante e o orientador os responsáveis pelo cumprimento desta norma. Quando necessário, após validação do pré-projeto de pesquisa pelo orientador, o estudante deverá buscar as condições para sua execução, seja pela autorização do comitê de ética, ou por termo de consentimento livre das instituições ou sujeitos envolvidos na pesquisa.

Art. 5º – Só poderá matricular-se na disciplina TCC II o estudante concluinte do Curso de Bacharelado em Humanidades.

Art. 6º – Cada orientador deverá ter, em cada período letivo, até 8 (oito) trabalhos de pesquisa sob sua orientação. Somente em casos especiais, e conforme Projeto Político Pedagógico do curso, poderá exceder este número, caso seja imprescindível e não comprometa a qualidade do trabalho.

TÍTULO II
SEÇÃO I
DA ORGANIZAÇÃO

Art. 7º – As disciplinas TCC I e TCC II compreenderão atividades de Orientação, Acompanhamento e Avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso.

TÍTULO II
SEÇÃO II
DA ESTRUTURA FUNCIONAL DO TCC

Art. 8º – A estrutura funcional do TCC compreende:

- I- Coordenador de curso;
- II- Professor-Coordenador da disciplina de TCC;
- III - Professor orientador.

TÍTULO II
SEÇÃO III
DAS ATRIBUIÇÕES DA COORDENAÇÃO DO CURSO

Art. 9º - À Coordenação do Curso de Bacharelado em Humanidades compete:

- I. Publicar, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias, o local, o horário e a data de defesa dos TCCs;

- II. Providenciar encaminhamento à Biblioteca de cópia do TCC aprovado, segundo as normas estabelecidas neste documento;
- III. Manter o banco de dados atualizado dos Trabalhos de Conclusão de Curso aprovados, bem como *linhas de pesquisa* dos professores orientadores;
- IV. Colaborar, sempre que necessário, com o Professor Orientador, no que diz respeito aos contatos com instituições públicas, privadas e de terceiro setor a fim de viabilizar o acesso ao material de referência para a pesquisa, durante a elaboração do TCC pelo estudante.

TÍTULO II
SEÇÃO IV

DAS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR DOS COMPONENTES DE TCC

Art. 10º – São atribuições do Coordenador dos TCCs:

- I- Coordenar o processo da composição das bancas examinadoras e definir o cronograma de apresentação dos TCCs a cada trimestre;
- II- Orientar os estudantes sobre a sistemática normativa do TCC;
- III- Executar e/ou supervisionar as decisões administrativas e medidas necessárias ao efetivo cumprimento deste Regulamento e das deliberações do Colegiado de Curso;
- IV- Sugerir à Coordenação do Curso medidas que visem ao aprimoramento das atividades do TCC;
- V- Auxiliar a Coordenação do Curso nas reuniões com os professores-orientadores com vista à melhoria do processo do TCC.

TÍTULO II
SEÇÃO V

DAS ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR ORIENTADOR DO TCC

Art. 11º – Ao Professor-Orientador compete:

- I- Frequentar as reuniões pertinentes ao TCC;
- II- Orientar a elaboração do TCC em encontros periódicos, previamente agendados com o orientando;
- III- Ler e acompanhar as versões preliminares e sugerir ao estudante refazer ou completar os itens que se fizerem necessários;
- IV- Participar de bancas de apresentação de TCC para as quais estiver designado;

V- Entregar ao Coordenador de TCC após a realização de cada banca examinadora a Ata assinada pelos membros da banca e o Termo de Responsabilidade, assinado pelo estudante;

VI- Cumprir e fazer cumprir as normas vigentes ao TCC.

Art. 12º – Os Professores Orientadores serão, preferencialmente, do quadro docente do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB. É facultado a professores de outros Institutos orientarem TCCs de estudantes do BHU, sendo exigido, contudo, que tenham sido aprovados em concurso da UNILAB para setores de estudo da área das Humanidades ou Letras.

TÍTULO II

SEÇÃO VI

DAS ATRIBUIÇÕES DO ESTUDANTE DE TCC

Art. 13º – São atribuições do estudante em fase de conclusão de TCC:

I- Frequentar as reuniões convocadas pelo Coordenador de Curso ou pelo seu orientador e/ou co-orientador (se houver) nos horários pré-estabelecidos;

II- Manter contatos, no mínimo mensais, com Professor Orientador para discussão e aprimoramento de sua pesquisa, devendo justificar eventuais faltas;

III- Cumprir os prazos estabelecidos pelo Coordenador de Curso ou Coordenador do TCC, para entrega de projetos, relatórios parciais e a versão final do TCC;

IV- Elaborar a versão final do TCC de acordo com orientações do Orientador e as normas do regulamento previsto no Projeto Pedagógico do curso;

V- Submeter o TCC à avaliação prévia do Professor Orientador, no prazo mínimo de 30 (trinta) dias antes do final do período letivo visando obter deste as devidas correções e/ou sugestões;

TÍTULO II

SEÇÃO VII

DA ORIENTAÇÃO DO TCC

Art. 14º – Condução da orientação do TCC

§1º. É facultada a colaboração de professor co-orientador do TCC, interno ou externo ao Curso de Humanidades, desde que indicado pelo orientador do TCC, membro do corpo docente do Curso;

§2º. Cabe ao Professor Orientador de TCC acompanhar os procedimentos da pesquisa até a redação final do trabalho e garantir o caráter público da defesa do trabalho, sempre

averiguando a obediência às regras éticas da pesquisa e o esmero com as normas da língua portuguesa.

Art. 15º – O estudante de Bacharelado terá um orientador, escolhido entre os docentes do Instituto de Humanidades e Letras, que constará de uma relação organizada anualmente pela Coordenação de Curso, sendo ouvidas as preferências do estudante.

§1º – O orientador indicado deverá manifestar previamente a sua concordância.

§2º – De acordo com a natureza do trabalho, poderá ser designado um co-orientador para o mesmo estudante. O prazo máximo para designação e registro de co-orientação será de 3 (três) meses contados a partir do ingresso do estudante na disciplina TCC 2.

§3º – O co-orientador é definido como sendo aquele docente ou pesquisador, com título de mestre ou doutor ou equivalente, chamado a contribuir com competência complementar àquela do orientador, considerada necessária à realização do projeto acadêmico do estudante.

§4º – O professor orientador ou co-orientador poderá declinar da orientação de um estudante em prazo limite de 30 dias antes da defesa, o que deverá ser feito através de justificativa escrita ao Coordenador do Curso.

TÍTULO III SEÇÃO I DA AVALIAÇÃO

Art. 16º - Da defesa do TCC

§1º. A defesa do TCC, que será pública, deverá ocorrer até o último dia do período letivo em que se matriculou o estudante, conforme calendário da UNILAB;

§2º. O estudante deverá entregar à Coordenação do Curso, no prazo mínimo de 15 (quinze) dias anteriores à data prevista para a defesa, carta do professor orientador asseverando que o trabalho será submetido à banca examinadora, com indicação de data e horário da defesa e dos nomes dos membros que comporão a comissão examinadora;

§3º. Caberá ao estudante a distribuição da cópia final do trabalho à banca examinadora;

§4º. Caberá à Coordenação providenciar o local para a defesa, em conformidade com a data e o horário estipulados pelo orientador;

§5º. Na defesa do trabalho, o estudante terá um tempo máximo de 20 (vinte) minutos para apresentar seu trabalho, ao que se seguirá arguição pela banca examinadora, que definirá de comum acordo os procedimentos adotados.

Art. 17º - Da banca examinadora do TCC

§1º. A banca será composta dos seguintes membros:

I- professor-orientador (presidente); dois professores examinadores, um deles, obrigatoriamente, membro do corpo docente do IHL, podendo o segundo examinador ser um membro externo ao Instituto ou o co-orientador, quando houver;

II- a composição da banca examinadora indicará pelo menos um professor suplente, pertencente ao corpo docente do Instituto de Humanidades e Letras;

§2º. Caberá ao orientador formalizar o convite aos membros da banca examinadora;

§3º. É da responsabilidade da Comissão Examinadora averiguar a obediência às regras éticas da pesquisa, cabendo comunicar por escrito à Coordenação qualquer deslize verificado;

Art. 18º - Membros da banca examinadora devem atribuir nota de avaliação, de zero a dez, ao Trabalho de Conclusão de Curso, levando-se em consideração:

I- Os aspectos relativos ao conteúdo, considerando a profundidade da pesquisa;

II- Seu aspecto redacional, considerando a linguagem, coerência e coesão textual;

III- A capacidade de análise e síntese;

IV- A relevância significativa e científica do tema;

VI- A apresentação do estudante, nos aspectos de clareza, fluência e coerência com o trabalho escrito.

§1º - Se no dia da apresentação do TCC, a Banca Examinadora considerar que o trabalho necessita de melhorias, poderá sugerir que o estudante o reprecente no prazo de 15 dias.

Art. 19º – Até 15 dias após a apresentação, o estudante deverá realizar as correções sugeridas pela Banca examinadora e entregar à Coordenação do Curso, via CD, uma cópia em formato digital, acompanhada de formulário de depósito assinado pelo orientador. Esse depósito é uma exigência para a diplomação do estudante.

Art. 20º - O estudante que não entregar o TCC ao Professor-orientador no prazo por ele estabelecido, ou não comparecer para sua defesa oral na data marcada, está reprovado no componente TCC II.

Art. 21º- Da avaliação e atribuição de notas

§1º. Para efeitos de avaliação e atribuição de nota, a banca examinadora deverá levar em consideração, quando da apreciação do trabalho, a qualidade acadêmica, o domínio apropriado da língua portuguesa, a inserção do trabalho em tema ou linha de pesquisa das

Humanidades e a correta adequação entre referencial teórico-metodológico e a pesquisa empreendida pelo estudante;

§2º. Cada membro da banca deverá atribuir nota individual e nominal, que constará da ata da defesa e da folha de rosto do trabalho;

§3º. A nota do TCC será resultado da média aritmética das notas atribuídas pelos membros da banca, variando de 0 (zero) a 10,0 (dez), sendo o 10,0 (dez) reservado aos trabalhos de excelência;

§4º. Será considerado aprovado e apto à colação de grau o estudante que obtiver média igual ou superior a 7,0 (sete);

§5º. Será considerado reprovado na disciplina de TCC o estudante que obtiver média inferior a 7,0 (sete) na defesa do trabalho;

§6º. Toda e qualquer verificação comprovada de plágio implica em reprovação automática do estudante, cabendo ao presidente da comissão examinadora do trabalho, quando verificado o delito, apresentar relatório circunstaciado, assinado por todos os membros da banca, à Coordenação do Curso que tomará as providências cabíveis conforme legislação vigente;

§7º. É responsabilidade do professor orientador (presidente da comissão examinadora) preencher a ata da defesa e entregá-la à Coordenação do Curso, indicando a nota atribuída individualmente pelos membros da Banca, a média final do estudante e fazendo constar a assinatura dos professores membros da comissão e do estudante autor do trabalho.

TÍTULO IV

SEÇÃO I

DO DEPÓSITO DO TCC

Art. 22º – São normas para o depósito do TCC:

§1º. Defendido e aprovado o trabalho, o estudante deverá depositar uma cópia em formato digital do TCC na Coordenação do Curso.

I. O depósito deverá ocorrer até o último dia previsto no calendário da UNILAB para a realização das avaliações finais do trimestre letivo em pauta;

II. A cópia digital deve vir acompanhada por formulário de depósito assinado pelo orientador;

§2º. Não se aceitará, em nenhuma hipótese, o depósito do TCC sem a documentação referida, bem como o depósito prévio da ata de defesa.

Art. 23º - Qualquer documento relacionado à conclusão do Curso e à aprovação do TCC só poderá ser expedido pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Humanidades, incluída a ata da defesa (preenchida pelo orientador) e a declaração de participação dos professores membros da Banca examinadora, com carimbo e assinatura do Coordenador do Curso.

Art. 24º - Em nenhuma hipótese será autorizado o ‘aproveitamento’ de créditos tendo em vista a dispensa da disciplina “TCC”.

TÍTULO V
SEÇÃO I
DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 25º – Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado dos Cursos de Graduação em História, ouvidos o Professor Coordenador da disciplina TCC II, o Professor Orientador e o Orientando.

Art. 25º – Este Regulamento entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

19. EMENTÁRIOS, REFERÊNCIAS E CARGA HORÁRIA DAS DISCIPLINAS

19.1 NÚCLEO OBRIGATÓRIO COMUM DA UNILAB

Leitura e Produção de Texto I (60h)

Ementa: Reflexões sobre as noções de língua, variação linguística e preconceito linguístico. A universidade como esfera da atividade humana. Leitura na esfera acadêmica: estratégias de leitura. Gêneros acadêmicos (leitura e escrita na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros): esquema, fichamento, resenha, resumo (síntese por extenso), memorial e seminário. Normas da ABNT.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

DISCINI, N. **Comunicação nos textos**: leitura, produção e exercícios. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**: leitura e redação. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FONTANA, N. M.; PAVIANI, N. M. S.; PRESSANTO, I. M. P. **Práticas de linguagem**: gêneros discursivos e interação. Caxias do Sul, R.S: Educs, 2009

Bibliografia Complementar:

MACHADO, A. R. (Org.). **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004

_____. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010

Leitura e Produção de Texto II (60h)

Ementa: Reflexões sobre as noções de texto e discurso e a produção de sentido na esfera científica. A pesquisa científica: ética e metodologia. Leitura na esfera acadêmica: estratégias de leitura. Gêneros acadêmicos (leitura e escrita na perspectiva da metodologia científica e da análise de gêneros): projeto de pesquisa, resumo (*abstract*), monografia, artigo, livro ou capítulo de livro, outras modalidades de produções científicas, artísticas e didáticas (ensaio, relatório, relato de experiência, produção audiovisual etc.).

Bibliografia Básica:

FRANÇA, J. L. et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 7ed. B.H: Ed. UFMG, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

Bibliografia Complementar:

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. SP: Cortez, 2001.

MANDRIK, D.; FARACO, C. A. **Língua portuguesa:** prática de redação para estudantes universitários. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica:** a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Inserção à Vida Universitária (15h)

Ementa: A Unilab: criação, diretrizes, estrutura e funcionamento. O regime letivo e o regramento sobre avaliação e controle de frequência. Direitos e deveres do estudante de graduação. Elementos fundamentais do projeto pedagógico curricular do curso e seu fluxograma.

Bibliografia Básica:

UNILAB. Resolução 27/2014: normas gerais para regulamentar a avaliação da aprendizagem nos cursos de graduação presencial da UNILAB.

UNILAB. Guia do Estudante de Graduação da UNILAB. Disponível em <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/06/GUIA-DO-ESTUDANTE-UNILAB.pdf>

UNILAB. Diretrizes Gerais, junho de 2010

UNILAB. PPC do Curso de Bacharelado em Humanidades

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei de Criação da UNILAB, nº 12.289, de 20 de julho de 2010.

UNILAB. Estatuto (DOCUMENTO EM FASE DE ELABORAÇÃO)

UNILAB. Regimento Geral (DOCUMENTO EM FASE DE ELABORAÇÃO)

Iniciação ao Pensamento Científico: Problematizações Epistemológicas (45h)

Ementa: A especificidade do conhecimento científico. Introdução ao pensamento histórico-filosófico relacionado à ciência. Origens do conhecimento, epistemologia e paradigmas científicos. A barreira científica e a representação do outro. O silenciamento da história e do protagonismo do Outro: bárbaros, asiáticos, africanos, americanos. Subaltern Studies. Novas *episteme* da ciência: visibilidade, problematização e conceitualização em pesquisas interdisciplinares. Do lusotropicalismo à lusofonia.

Bibliografia Básica:

SAID, Edward. “A geografia imaginativa e suas representações: Orientalizando o oriental.” In: In: _____. **Orientalismo**. O oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp.85-113.

CHALMERS, A.F. “A ciência como conhecimento derivado dos fatos da experiência” (trad.): in **What is this thing called Science?** Cambridge, HPC, 1999.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo, Perspectiva, 2006.

LAKATOS, Imre. **História da Ciência e suas Reconstruções Racionais**. Lisboa, Edições 70, 1998.

PAPINOU, David. “O que é a Filosofia da Ciência?” (trad.): in **Oxford Companion to Philosophy**. Oxford: OUP, 1995.

Bibliografia Complementar:

SANTOS, Boaventura. “Entre Próspero e Caliban”. In: _____. **A gramática do tempo para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010. pp.227-249

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2008.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

PANIKKAR, K. M. **A dominação ocidental na Ásia**: do século XV a nossos dias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos (60h)

Ementa: Temporalidades do processo colonial nos países de língua portuguesa (práticas, trocas e conflitos culturais – ocupações e resistências). Movimento Pan-africanista, Negritude; Relações étnico-raciais e racismo; Movimento Negro e Indígena no Brasil e as políticas de ação afirmativa. Gênero, sexualidade. Movimentos Feministas e LGBTT. Tolerância religiosa. Direitos Humanos. Diferenças e Desigualdades. Cultura afro-brasileira.

Bibliografia básica:

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

EDEM KODJO E DAVID CHANAIWA. Pan-africanismo e libertação(Cap.25). In: **História geral da África, VIII**: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília: UNESCO, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. et al. Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Construção da nação e evolução dos valores políticos. In: **História geral da África, VIII**: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. – Brasília : UNESCO, 2010. Cap. 16.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 10ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. 5^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Bibliografia complementar:

CABRAL, Amílcar. O papel da cultura na luta pela independência. **A Arma da Teoria. Unidade e Luta I**. Lisboa: Seara Nova, 1978. 2^a ed.

DAMATTA, Roberto. “Digressão a Fabula das três raças, ou problema do racismo à brasileira”. In: _____. **Relativizando. Uma introdução à Antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. pp.58-85.

MARCONDES, Mariana (org.). **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SUÁREZ, Mireya. **Desconstrução das Categorias “Mulher” e “Negro”**. Brasília, Série Antropologia, n° 133, 1992. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie133empdf.pdf>

19.2. NÚCLEO OBRIGATÓRIO DE CONHECIMENTO EM HUMANIDADES

Estrutura e Relação Social (60h)

Ementa: Introdução às ciências sociais e humanas. Compreender as relações de poder entre as produções de conhecimento ocidental e não ocidental. Estrutura, função e relação social. Condicionamento e autonomia social. Permanência e mudança social. Sociedade, indivíduo, classe, casta, estamento, comunidade, grupo, família.

Bibliografia Básica:

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: EDIPRO, 2012.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2012.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESSES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Editora Cortez. 2010. Disponível on-line, acesso livre.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TAUSSIG, Michael, **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul.** São Paulo: UNESP, 2010.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** São Paulo: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

Bibliografia Complementar:

DOSSE, F. **História do estruturalismo** (Volumes I e II). 2º ed. São Paulo; Campinas: Ensaio; Unicamp, 1993.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil:** ensaio de interpretação sociológica . 5º. ed. São Paulo: Globo, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes, volumes 1 e 2.** São Paulo: Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. [42. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracias.** São Paulo: Editora 34, 2002.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. 31. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2010.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac e Naify, 2005.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva.** [2. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2013.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Experiência, Prática e Significado (60h)

Ementa: A complexidade da vida social. Experiência, ação, interpretação, interação, prática e significado. Protagonismo histórico e memória social. Consenso, dissenso, silenciamentos.

Bibliografia Básica

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. [8. ed. rev.]. São Paulo: Brasiliense, 2014.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. RJ: Bertrand Brasil, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. [17. ed.]. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HAMPATE BA. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph; UNESCO. **História geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Cortez, 2010. Brasília, DF: UNESCO, MBEMBE, Achille. **África insubmissa**: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Luanda: Mulemba; Mangualde: Pedago, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [2.ed.]. São Paulo: Contexto, 2015.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Ed. UnB, 2014.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

Bibliografia Complementar:

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2014.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2011.

GIDDENS, Anthony (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. [20. ed.]. Petrópolis: Vozes, 2014.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o 'espirito' do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades (60h)

Ementa: Fundamentos epistemológicos da interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade em relação à multidisciplinaridade e à transdisciplinaridade. Transversalidade na produção do conhecimento. Paradigmas científicos. Planejamento de Pesquisa: Projetos e Delineamento de pesquisa. Abordagens metodológicas de base quantitativa, qualitativa, mista e participativa. Métodos e técnicas de pesquisa em humanidades. Ética em pesquisa nas ciências humanas. Pesquisa como compromisso social e ético-político.

Bibliografia Básica:

BARROS, A. J.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRESWELL, J. W. **Projetos de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Sage, 2010.

DUSSEL, Enrique D. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In KI-ZERBO, Joseph (ed.). História geral da África 1: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. revisada, Brasília: UNESCO, 2010, p. XXXI-LVII. (Nos sites da Unilab e da UNESCO encontramos cópias em PDF dos 8 volumes desta coleção).

MAZRUI, Ali A. O Horizonte 2000 - A educação colonial: a libertação sem o desenvolvimento. In: História Geral da África VIII. África desde 1935. Editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji Brasília: UNESCO, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**, volume 1: a crítica da razão indolente. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, T. C.; COELHO, J. P. C.; SOUTO, A. N. **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas**. Senegal: Clasco, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20131028053636/ComoFazer.pdf>

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar. Epistemologia e Metodologia Operativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WEBER, M. "A Ciência como vocação". In, *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982

KUHN, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. Trad. Beatriz Vianna Boeira & Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 1991, pp. 77-145.

Bibliografia Complementar:

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

HERZFELD, Michael. "Epistemologias". In, *Antropologia. Prática teórica na cultura e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade**. ANAIS: Seminário Internacional Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 12 a 14 de Novembro 2003, Porto, Portugal.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós Moderna**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Graal, 1989

WEBER Max, "A 'Objetividade' do Conhecimento nas Ciências Sociais, in: *Sociologia*: Max Weber. São Paulo: Atica, 1989.

Oficina de Metodologias de Pesquisa I – Métodos e Técnicas Qualitativas (30h)

Ementa: Contexto sócio-histórico de emergência dos métodos qualitativos. A formulação de problemas e hipóteses de pesquisa. Histórias de vida e biografias. Métodos narrativos. Estudos de situações e interações cotidianas. Estudos de valores e atitudes. Escrita etnográfica

e produção de resultados. Análise de redes. Análise documental e reconstrução histórica. Análise de conteúdo. Análise de Discurso.

Bibliografia básica:

BAUER, M. e W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUD, Stéphane e Florence. **Guia para a pesquisa de campo –** Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2000.[pode ser comprado na estante virtual]

BECKER, H. **Métodos e pesquisa em ciências sociais.** São Paulo, Hucitec, 2001.

BOURDIEU, P. **O senso prático.** Petrópolis, Rj, Vozes, 2009. CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo, Cotez, 1998.

CELLARD, André. “**A análise documental**”. In: Poupart, Jean. (2008) A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Vozes, pp. 295-316.

CHIZZOTTI, Antônio. Histórias de vida. In: _____. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2006, p. 101 – 112.

DAMASCENO, M.N; SALES, C.M.V. (Orgs.). **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa.** Fortaleza, EDUFC, 2005.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre, Artmed, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro, Record, 2011.

MILLS, W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro, Zahar, 2009. OLIVEIRA, M.M. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

Bibliografia Complementar:

BOURDIEU, Pierre. “Introdução [‘Ensinar um ofício’ e ‘Pensar relationalmente’]”. In _____. O Poder Simbólico. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil, 2000, pp. 17-23 e pp. 23-34.

GEERTZ, Clifford. “**O legado de Thomas Kuhn: o texto certo na hora certa**”. In, Nova luz sobre a Antropologia. RJ: Zahar, 2001.

GOODE, W.J.; HATT, P.K. **Métodos em pesquisa social.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** Petrópolis, Editora Vozes, 2005.

MOTA, Marcia Maria Menendes. História, Memória e Tempo Presente. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 21 – 36.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Princípios, 176)

MAY, Tim. **Pesquisa social:** questões métodos e processos. Porto Alegre, Artmed, 2004.

Wallerstein, Immanuel et alii. “A construção histórica das ciências sociais, do século XVIII até 1945”. In: _____. **Para Abrir as Ciências Sociais.** São Paulo, Cortez, 1996, pp. 13-53.

Weber, Regina. “Relatos de quem colhe relatos: pesquisa em história oral e ciências sociais”. **Dados**, v. 39, n. 1, 1996, pp. 163-82

Tilly, Charles. “Itinerários em análise social”. Trad. Alexandre Morales. **Tempo Social, Revista de Sociologia** da USP, vol. 16, n. 2, 2004, pp. 299-302. [disponível em www.scielo.org].

Oficina de Metodologias de Pesquisa II – Métodos e Técnicas Quantitativas (30h)

Ementa: Caracterização dos métodos quantitativos. Estrutura de projetos de pesquisa quantitativos. Elaboração de questionários. Definição de amostra. Construção de escalas psicométricas. Pesquisas online. Formulação de banco de dados. Utilização de softwares de análises estatísticas. Análises descritivas e multivariadas de dados.

Bibliografia Básica

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2010.

FLICK, U. **Pesquisas de Levantamento e Entrevistas.** IN: FLICK, U. Introdução à metodologia de pesquisa. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 108-114.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. **Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FIELD, Andy. **Descobrindo a Estatística Usando o SPSS.** 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FOWLER JR., F. J. **Pesquisa de levantamento.** Penso: Porto Alegre, 2011.

GÜNTHER, H. **Como Elaborar um Questionário** (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, No 01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lapsam/Texto_11_-Como_elaborar_um_questionario.pdf

Bibliografia Complementar

HAIR, J.F., BLACK, W.C. , BABIN, B. J., ANDERSON, R.E. & TATHAM, R.L.. **Análise multivariada de dados.** Porto Alegre: Bookman, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. (Co-autor). **Metodologia da investigação científica para as ciências sociais aplicadas.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M.C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, 9(3), 239-262, 1993.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa.** Porto Alegre: Penso, 2013.

Oficina de Metodologias de Pesquisa III – Métodos e Técnicas Críticas e Participativas de Pesquisa-Ação (30h)

Ementa: Pesquisa como instrumento de transformação social. Perspectivas ético políticas na/da pesquisa. Pesquisa Ação. Pesquisa Ação Participante. Estratégias de construção de vínculo, de mobilização, de participação e de análise participativas. Estudos de Raça, Feministas, gays, lésbicos e Queer como métodos e técnicas de pesquisa.

Bibliografia Básica

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org. do livro Pesquisa participante :: **Pesquisa participante:** a partilha do saber. 2.ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante.** 3.ed.,4 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CHANTLER, K.; BURNS, D. Metodologias feministas. IN: BRIDGET, S.; LEWIN, C. Teoria e Métodos de Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 111-121.

DUSSEL, Enrique D. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Sec. de Reconhecer para libertar : os. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010.

SCHMITZ, Heribert (Org.). **Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa**. São Paulo: Annablume, 2010.

BORDA, F. ; BRANDAO, C. **Investigación Participativa**. Montevideo: La Banda Oriental, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MOUTINHO, Laura. “Da ‘cor’ do desejo no mercado afetivo-sexual carioca”. In: _____. **Razão, Cor e Desejo**: Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais interraciais no Brasil e na África do Sul. São Paulo, Unesp, 2004, pp. 263-362.

Bibliografia Complementar

BORN, Claudia. “Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos”. **Sociologias**, 5, 2001, pp. 240-65. [disponível em www.scielo.org.]

CANDIDO, Antonio. ”Dialética da malandragem”. In: _____. **O Discurso e a Cidade**. São Paulo, Duas Cidades, 1998, pp. 19-54.

ZALUAR, Alba. “O antropólogo e os pobres: Introdução metodológica e afetiva”. In: _____. **A Máquina e a Revolta**. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 9-32

Oficina de Metodologias de Pesquisa IV – Métodos e Técnicas Audiovisuais (30h)

Ementa: O que é cultura visual, conceitos e bases. Abrangências das culturas visuais e seus elementos: mapas temáticos, cartas, plantas, fotografias, cartazes, postais, grafites, tatuagens, filmes de ficção, filmes etnográficos e documentais. A imagem enquanto ferramenta de trabalho em humanidades. Análise, interpretação e produção de imagens como ferramentas de pesquisa e de intervenção.

Bibliografia básica:

ALMEIDA, Rosangela, Doin (org.) **Cartografia escolar**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Edusp, Pioneira, 1989.

BAUER, M. e W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BURKE, Peter. **Cultural hybrid**. London, Polity, 2010.

CAMPOS, Ricardo. **Introdução à cultura Visual**: abordagens e metodologias em Ciências Sociais. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.

CUNHA, L. N. **O Documento fotográfico**: um caminho a mais para o conhecimento da presença negra na escola pública brasileira. Disponível em: <http://www.anped.org.br/0203t.pdf>. Acesso em: 15.12.2001.

DUNCUN, P. **Visual culture in the classroom**. Art Education, v.56, n.303, p.25-32, mar.2003.

EDWARDS, Elizabeth. Photographic ‘Types’: The Pursuit of Method. In Visual Anthropology, Vol 3, 1990.

Bibliografia complementar:

FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L M. (orgs.) **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998

GRAY, Gordon. **Cinema, a visual Anthropology**. Oxford: Berg, 2010.

JOLY, Martine. **A imagem e os signos**. Lisboa: Edições 70, 2000.

LANDAU, P. e D. KASPIN (orgs). **Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa**. California University Press, 2002.

MAUAD, Ana Maria. **História e Fotografia**. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 263 – 282.

MESCH, Claudia. **Art and politics: a small history of art for social change since 1945**. London, I. B. Tauris, 2013.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, 44 (1):221-286, 2001.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

Expressões Artísticas e Estéticas na Contemporaneidade (60h)

Ementa: Apresentar e problematizar em formato estético-conceitual a multiplicidade contemporânea das poéticas e do pensamento em arte, marcadamente a partir da década de 1960 até os dias atuais, considerando os contextos sociopolíticos e suas implicações no período de seu surgimento. Promover a interdisciplinaridade e interculturalidade crítica entre as diversas linguagens artísticas, problematizando as relações entre elas e suas interlocuções com o mundo vivido.

Bibliografia Básica:

ADORNO, T. W. Sobre a indústria da cultura. Lisboa: Angelus Novus, 2004.

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira. Rio De Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

CANCLINI, Néster García. A Sociedade sem relato: Antropologia e Estética da Iminência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CONDURU, Roberto. Pérolas negras - Primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (orgs.). Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3. Ed. São Paulo: Papirus, 2004.

FOUCAULT, Michel. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

O'NEILL, Elena; CONDURU, Roberto. Carl Einstein e a arte da África. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Bibliografia Complementar:

BRANDÃO, Carlos Henrique. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.

CAMPOS, Haroldo de. PIGNATARI, Décio. CAMPOS, Augusto de. Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos de 1950-1960. São Paulo: Duas cidades, 1975.

CONDURU, Roberto. Arte afro-brasileira: orientações pedagógicas. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

DANTO, Arthur. Após o fim da arte. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

FACINA, Adriana. Sobre perfumes e essências: o lugar da Cultura na História. *Tempo Brasileiro*, v. 180, p. 73-88, 2010.

FARIAS, Agnaldo. Arte Brasileira Hoje. São Paulo, Publifolha, 2009.

FERRARI, Silva. Guia de História da Arte Contemporânea. São Paulo: Editora Presença, 2009.

GAUDIBERT, Pierre. *L'art africain contemporain*. Paris, Editions Cercle d'Art, 1991.

KASFIR, Sidney Littlefield & GORDON, Gus. *Contemporary African Art*. Waco, Texas, Paw Prints, 2008.

Estudos das Performances Culturais (60h)

Ementa: Problematização e vivência das performances musicais, corporais e da oralidade presentes nas culturas e manifestações populares do Nordeste brasileiro, africanas e afro-brasileiras, indígenas e latino-americanas. Complexificar as categorias de jogo e “brincadeira”, fomentando a pesquisa e a produção de saberes numa dinâmica relacional entre culturas.

Bibliografia Básica:

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2013.

BARBOSA, Wallace de Deus. *Pedra do Encanto – dilemas culturais e disputas políticas entre os Kambiwá e os Pipipá*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

BORBA FILHO, Hermilo. *Espetáculos populares do Nordeste*. São Paulo Editora, 1966.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Toré – Regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Ed.Massangana, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através das obras de Hélio Oiticica*. 3ed. Rio de Janeiro: 2003.

STRINATI, Dominic. *Cultura Popular: uma introdução*. São Paulo Hedra, 1999.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 4ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. UFRJ, 2002.

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da capoeira corpo e cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Sprint, 1999.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Maria Inês de. *Desocidentada: experiência literária em terra indígena*. BH: UFMG, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

_____. *Mady in África. Pesquisas e notas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Linguagem, Pensamento Crítico e Interculturalidade (60h)

Ementa: Essa componente curricular objetiva abordar, à luz de uma perspectiva interdisciplinar, a linguagem como fenômeno social. Assim, analisaremos os conceitos de proposição, argumento, discurso, referência, verdade e demonstração. O uso da razão e a possibilidade de formulação e problematização de argumentos. A teoria dos atos de fala e o papel desempenhado pela linguagem e interculturalidade no âmbito da UNILAB. A reflexão teórico-crítica da estética, da ética e da cidadania na contemporaneidade. A subjetividade nos espaços interculturais. A interculturalidade como apreço pelas diferenças e respeito aos mais diversos modos de vida.

Referências Básicas:

APPIAH, K; A. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.* Tradução Vera Ribeiro. Revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. 1^a edição; 1^a reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BUSTAMANTE, A. *Filosofando na escola: como transformar o potencial crítico dos alunos em pensamento filosófico.* São Paulo: Editora Vozes, 2009.

ELUNGU, P.E.A. *Tradição africana e racionalidade moderna.* Lisboa: Pedago, 2014.

ELUNGU, P.E.A. *O despertar filosófico em África.* Lisboa: Pedago, 2014.

EPSTEIN, R; CARNIELLI. *Pensamento crítico: o poder da lógica e da argumentação.* São Paulo: Editora Rideel, 2010.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In *Ética, sexualidade, política.* v. 5. Forense Universitária, 2004.

MAKGOBA, M (org.). *Renascença africana: a nova luta.* Lisboa: Pedago, 2016.

MARCONDES, D. *A pragmática na filosofia contemporânea.* Zahar, 2005.

MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.* Editora Vozes Limitada, 2012.

MORTARI, C. *Introdução à lógica.* São Paulo: UNESP, 2001.

Referências Complementares:

COSTA, C. F. *Filosofia da linguagem.* Zahar, 2002.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.* Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A Coragem da verdade: O governo de si e dos outros.* São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2011.

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura.* Zahar, 1999.

PERELMAN, C. **Tratado de Argumentação: A Nova Retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIRES, C. *Ética da necessidade e outros desafios.* São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2004.

TOULMIN, S. E. *Os usos do argumento.* São Paulo: Martins Fontes, 2006

WALTON, D. *Lógica informal.* São Paulo, Martins Fontes, 2006.

WESTON, A. *A construção do argumento.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WILSON, J. *Pensar com conceitos.* São Paulo, Martins Fontes, 2005.

Território e Poder (60h)

Ementa: Espaço: dimensões, escalas, processos e agências. Territórios, fronteiras, deslocamentos. Estado, Nação, região. Urbano e/ou rural. Meio ambiente.

Bibliografia Básica

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaquais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

BRANDÃO, Carlos. Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

DEAN, Warren. A Ferro e fogo: A História e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

ELIAS, Norbert. “Processos de formação de Estados e construção de nações”. In: _____. Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública. Organização e apresentação Federico Neiburg e Leopoldo Waibort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006 [1972].

HANNERZ, Ulf – “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras chaves da Antropologia Transnacional”. *Mana* 3(2):7-40.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

REVEL, Jacques (org.). Jogos de Escala: a experiência da microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, 262 páginas.

SANTOS, M. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979.

WILLIAMS, Raymond. (2011) “Campo e cidade”; “Cidades e campos”. In: O campo e a cidade na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras. PP. 11-21; 471-500.

Bibliografia Complementar

LEFF, Enrique (Coord.). Etica, Vida, Sustentabilidad. Mexico: Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente/Red de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2002.

BOURDIEU, Pierre - "A Identidade e a Representação. Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia de Região" e "Espaço Social e Gênese das 'Classes'" in: O Poder Simbólico. Lisboa. DIFEL. 1989, (pp. 107-132 e 133-161),

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. “Meio Ambiente” In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

HENRIQUES, Isabel Castro “A terra e os territórios africanos: a profusão dos marcadores simbólicos”. In: Território e Identidade – A construção da Angola Colonial (c. 1872-1926). (em pdf)

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2002.

MUDIMBE, V. Y. A invenção da África. Lisboa, Luanda: Edições Pélago, Edições Mulemba, 2013.

SANSONE, Lívio & FURTADO, Claudio. Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa. Salvador, EDUFBA: 2014.

SAYAD, Abdelmalek. “Os filhos ilegítimos”. A Imigração ou Os paradoxos da alteridade. São Paulo: EdUSP, 1998. pp 173-234

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Imago, 2002.

APPIAH, Kwame Anthony. Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (OBS.: Appiah faz reflexões críticas apuradas sobre os usos dos conceitos de raça e identidade no continente africano).

Identidade e Poder (60h)

Ementa: Marcadores identitários: raça, classe, etnia, gênero e sexualidade. Globalização e Transnacionalismos. Diáspora. Desigualdade, diferença e conflito. Colonialismo. Emancipação e Direitos.

Bibliografia Básica

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. São Paulo, Selo Negro Edições, Coleção Consciência Negra em Debate, 2011.

COOPER, Frederick; SCOTT, Rebecca J.; HOLT, Thomas C. Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Edufmg, 2003.

NGOENHA, Severino Elias. “Os missionários suíços face ao nacionalismo moçambicano - Entre a tsonganidade e a moçambicanidade”. Lusotopie, 1999.

O'DWYER, Eliane Cantarino Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

OLIVEIRA, João Pacheco - “Situação colonial, territorialização e fluxos culturais: uma etnologia dos ‘índios misturados’?”. *Mana* 4(1),1998.

QUIJANO, Anibal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. Estudos Avançados – USP, São Paulo, v.19, n. 55, 2005b.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/01.pdf>>. Acesso em: ago. 2012.

SEGATO, Rita. Gênero e Colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos ces* [Online], 18 | 2012, colocado online no dia 01 Dezembro 2012, consultado a 16 Julho 2015.

Bibliografia Complementar

APPADURAI, Arjun - "Disjunção e Diferença na Economia Cultural Global" in: Featherstone, M. (org.) *Cultura Global*. Petrópolis. Vozes, 1994. (pp. 311-327).

BHABHA, Homi - “Interrogando a identidade”. “Franz Fanon e a prerrogativa Póscolonial”; “A outra questão. O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo”; “O pós colonial e o pós moderno. A questão da agência”; “Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os Tempos Coloniais e as Provações da Tradução Cultural” In: *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998. (pgs 70-104; 105-128; 239-273; 292-325).

BALANDIER, Georges. “A Noção de Situação Colonial”. In: *Cadernos de Campo* nº 3 USP, São Paulo: 1993.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed.34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes/Centro de Estudos Afroasiáticos. 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. 2. ed. revista, São Paulo: Ed. 34, 2005.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006

HOBSBAWN, E.J. Nações e Nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1990.

LEITE, Fabio. Questão Ancestral. São Paulo: Casa das Africas: Pallas, 2008.

MAIO, Marcos Chor;; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Faperj, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. Estudos de Identidade: entre saberes e práticas. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. 395p.

_____. Para além da identidade. Fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 319p.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira), Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Sociais Aplicada da Faculdade de Educação, nº 5, 2004.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio (orgs.). Raça: novas perspectivas antropológicas. Salvador: EdUFBa, 2008.

SAID, Edward. Orientalismo. trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Fábio Mário. (org). O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20141130-silva_fabio_mario_da_o_feminino_nas_literaturas_africanas_em_lingua_portuguesa.pdf

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SUÁREZ, Mireya. Desconstrução das Categorias “Mulher” e “Negro”. Brasília, Série Antropologia, nº 133, 1992. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie133empdf.pdf>.

19.3. NÚCLEO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC I (300h)

Ementa: Aportes teóricos e metodológicos que fundamentam o tema em desenvolvimento. Pesquisa e sistematização bibliográfica. Composição, sistematização e análise do corpus documental. Elaboração parcial do trabalho de conclusão de curso.

Bibliografia básica:

BURGUIÉRE, André (Org.). Dicionário das ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

JOVCHELOVITCH, Sandra e Martin W. BAUER. Entrevista narrativa. In: Bauer W. Martin e George Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: Bauer W. Martin e George Gaskell (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Bibliografia complementar:

CARDOSO, Ciro Flamaron S; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

CARVALHO, Isabel C. Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, Ano 9, no 19, julho de 2003.

GINZBURG, Carlo; Castelnuovo, E.; Poni, C. O inquisidor como antropólogo: uma analogia e as suas implicações. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Difusão Editorial, 1989.

TCC II (300h)

Ementa: A redação do trabalho de conclusão de curso. Conclusão da pesquisa bibliográfica e documental. Normatização conforme a ABNT. Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso.

Bibliografia básica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, Israel Belo. Prazer da produção científica: diretrizes para elaboração de trabalhos científicos. 8. ed. São Paulo: Prazer de Ler, 2000.

BOUTIER, Jean; JÚLIA, Dominique (Org.). Passados recompostos: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: EdUFRJ/FGV, 1998.

CARVALHO, Maria Cecília M. de (Org.). Construindo saber: técnicas de metodologia científica. Campinas: Papirus, 1988.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

Bibliografia complementar:

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993

BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectiva. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

LOSANO, Jorge. Prática e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Janaína Amado (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2005.

19.4. NÚCLEO DE COMPONENTES OPTATIVOS

Literatura e Feminismos Contra-Hegemônicos (60h)

Ementa: Representações do corpo feminino nas Literaturas em Língua Portuguesa – século XIX à contemporaneidade. Autoria feminina e suas especificidades. A mulher como intelectual. Antropologia e literatura. Literatura, etnografia e tradução cultural. A perspectiva interseccional. Sujeitos subalternos e estratégias de resistência. Direitos Humanos e Literatura.

Bibliografia básica:

ABDALA JR., Benjamin. Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ática, 1989

BOURDIEUX, Pierre. Meditações pascalianas. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio e Janeiro. Editora da UFRJ, 2009. “*O antropólogo como escritor*” p. 132 a 136.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (Org.) *Direitos humanos e....* São Paulo: Editora Brasiliense e Comissão Justiça e Paz de São Paulo, 1989, p. 107-126.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Revista de Estudos Avançados*, n. 17. São Paulo, 2003, p. 117-132.

CLIFFORD, James Clifford e MARCUS, George(eds.). *Retóricas de la 76li76logia76ia*, trad. José Luis Moreno-Ruiz, Madrid: Ediciones Júcar, 1991.

COLLINS, Patrícia Hill. *Rasgos Distintivos del pensamiento feminista* in: JABARDO, Mercedes. (org). *Feminismos Negros: una 76li76logia*. Madrid: Proyecto Editorial Traficantes de Sueños, 99-134, 2012.

KASSEMBE, Dya; CHIZIANE, Paulina. *O livro da paz da mulher angolana*. Editorial Nzila: Luanda, 2009.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil*. 4 volumes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*. Trad. Marcos Santarrita. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.3, n. 2, p. 463-478, 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em 10 fev 2012.

KERNER, Ina. Tradução de Bianca Tavolari. “Tudo é interseccional. *Novos Estudos*, no. 93, Julho de 2012.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura (Org.). *A mulher em África – vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007.

SAID, EDWARD. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Cotovia, 2000.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias Africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et 76li. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Bibliografia complementar:

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. [10. ed.]. São Paulo: Contexto, 2013.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* - 2a edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: Literatura em chão de cultura*. 1. ed. Cotia-Praia (Cabo Verde): Ateliê Editorial e Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

Literatura e Relações de Gênero (60h)

Ementa: conceitos de estudos de Gênero. Relações de Gênero e Literatura na contemporaneidade. Literaturas de Língua Portuguesa e Gênero: problematizações.

Referências básicas:

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013

LAURETIS, Tereza de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural.** Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **Mulheres em África.** Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri, 2007

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Educação & Realidade, 20(2), 71-99, 1995.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero.** Trad. Mirna Pinsky. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ZINANI, Cecil J. A. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina.** Caxias do Sul: Educs, 2006.

Antropologia das Populações Afro-Brasileiras (60h)

Ementa: Apresentar a constituição do campo formativo da temática no Brasil no século XX. Revisitar obras e conceitos fundantes do campo disciplinar do período em foco. Explicitar os debates teóricos e políticos pertinentes ao tema.

Bibliografia Básica:

CAMPOS, Maria José. Arthur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira. Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2006.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca – volume 1; no limiar de uma nova era – volume 2, Globo*, 2008..

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Classes, Raças e Democracia: capítulos 1, 3 e 5. São Paulo, Editora 34, 2002.

SANSONE, Livio. PEREIRA, Cláudio Luiz. Projeto UNESCO no Brasil : textos críticos - Salvador : EDUFBA, 2007.

Bibliografia Complementar:

ALBERTI, Verena. PEREIRA, Amilcar Araújo. (Orgs.) Histórias do Movimento Negro no Brasil. Rio de Janeiro, Pallas/CPDOC/FGV, 2007.

BASTIDE, Roger. Imagens do Nordeste Mítico em Branco e Preto. Rio de Janeiro, Editora O Cruzeiro, 1945.

Antropologia das Populações Indígenas (60h)

Ementa: Estudo das teorias que marcaram o desenvolvimento do pensamento antropológico sobre a presença indígena na América Latina, a partir de abordagens que contemple as várias perspectivas da etnologia das populações indígenas. Enfoca os principais debates contemporâneos sobre a questão indígena no Brasil e região Nordeste em diálogo com outras áreas do conhecimento como a história, filosofia, bioética e o direito. Principais temas: desconstrução de estereótipos; pluralidade histórica; etnologia indígena; movimento indígena e indigenismo; direitos indígenas e Estados nacional e plurinacional.

Bibliografia básica:

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida Rita. Pacificando o branco, cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político.** MANA 12(1): 39-68, 2006.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil. Mito, História, Etnicidade.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLAVERO, Bartolomé (2012). *Estado Plurinacional: Aproximação a um Novo Paradigma Constitucional Americano*. In: BALDI, Cesar Augusto (Coord.) **Aprender desde o Sul: Novas constitucionalidades, Pluralismo Jurídico e Plurinacionalidade**. Aprendendo desde o Sul. Belo Horizonte: Fórum, 2015. pp.111-131.

FARJADO, Raquel Z. Yrigoyen. Aos 20 anos da Convenção 169 da OIT: balanço e desafios da implementação dos direitos dos Povos Indígenas na América Latina. Em: VERDUM, Ricardo (Org.). **Povos Indígenas – Constituições e Reformas Políticas na América Latina**. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2009 (pp. 9 a 62).

OLIVEIRA FILHO, J. P (Org). **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Mana, vol.4 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1998.

Bibliografia complementar:

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana* [online]. 1997, vol.3,

CARVALHO, Maria Rossário et al (Orgs.). **Negros no Mundo dos Índios - imagens, reflexos, alteridades**. 1ed. Natal: Editora da UFRN, 2011

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e Etnicidade entre os Kanindé do Ceará**. (Dissertação de Mestrado) UFPE/Programa de Pós Graduação em Antropologia: Recife, 2012.

LACERDA, Rosane Freire (2014). **“Volveré, y Seré Millones”: Contribuições Descoloniais dos Movimentos Indígenas Latino Americanos para a Superação do Mito do Estado-Nação**. 2 v. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PINHEIRO, Joceny de Deus. **Identificação Indígena e Mestiçagem no Ceará**. Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 3, nº 2, p. 21 – 49. Jul./dez. 2011.

SEGATO, Rita. **Que cada povo trame os fios da sua história: Em defesa de um Estado restituidor e garantista da deliberação no foro étnico**. Arguição lida na Audiência Pública realizada em 05/09/2007 pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados sobre o Projeto de Lei nº 1057 de 2007 do Deputado Henrique Afonso sobre a prática do infanticídio em áreas indígenas.

Filosofia da Ancestralidade e da Educação (60h)

Ementa: Conceitos essenciais à cosmovisão africana: corpo, mito, rito, tempo, ancestralidade. Relação comunitária. Importância do chão. Necessidade da diversidade e da alteridade. Religiosidade tradicional e sacralidade. Exu: para além do bem e do mal. Filosofia na perspectiva da cosmovisão africana. Ética e estética. Desdobramentos pedagógicos teórico-práticos. Laboratório de dispositivos de apreensão da filosofia da ancestralidade na educação.

Bibliografia Básica:

BASTIDE, Roger. *As Américas Negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo: Difusão Européia do livro; EDUSP, 1974.

OLIVEIRA, Eduardo D. *Filosofia da Ancestralidade – Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo D. **Epistemologia da Ancestralidade**. In: *Entrelugares Revista Eletrônica de Sociopoética e abordagens afins*. Vol 1, número 2. Marco/agosto de 2009. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br>

Bibliografia Complementar:

OLIVEIRA, Eduardo D. *Cosmovisão Africana no Brasil*: elementos para uma filosofia afrodescendente. 3ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade – a forma social negro-brasileira*. Petrópolis, Vozes 1988.

BIDIMA, Jean-Godefroy: *La philosophie negro-africaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

PETIT, Sandra & RODRIGUES, Eleomar dos Santos. **Filosofar(-se) junto com o baobá**: Um encontro festivo com Sobonfu Somé, Mia Couto e Eduardo Oliveira. In: PETIT,S.H.;SILA, G.C. *Memórias de Baobá*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade- ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos*. 2ed. Tradução de Deborah Weinberg. São Paulo: Odysseus Ed, 2007.

VERGER, Pierre. *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 1997.

Fundamentos Filosóficos e Práticos da Capoeira e do Samba (60h)

Ementa: As origens africanas da capoeira e do samba. A capoeira e o samba no contexto da cultura afrodescendente no Brasil e no mundo. Expressões da Cosmovisão Africana na Capoeira: Circularidade, Sacralidade, senhoridade, Mestria, Oralidade, Musicalidade, Transversalidade, Alacridade, Brincadeira, Iniciação, Segredo, comunalidade. Identidade e gênero, na capoeira e no samba. Perspectivas historiográficas da capoeira e do samba. Ética e estética da capoeira e do samba numa perspectiva histórica. Desdobramentos pedagógicos da capoeira e do samba para a Educação Escolar nos países da Integração. Laboratório de prática e compreensão da filosofia da capoeira e do samba para a Educação no contexto dos países da Integração.

Bibliografia Básica:

ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. Capoeira Angola – Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais Aplicada à Educação. Campinas: UNICAMP, 2004.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig, e Luiz Renato Vieira. “Mitos controvérsias e fatos: construindo a História da capoeira”, Revista Estudos Afro-asiáticos, 34: 81-121, 1998.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Codrecri, 1979

Bibliografia complementar:

ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. Capoeira Angola – Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais Aplicada à Educação. Campinas: UNICAMP, 2004.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira identidade e gênero: Ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: UFBA, 2009.

TAVARES, Júlio. Educação através do corpo. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 25. Rio de Janeiro, 1977. pp. 216- 221

TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da música popular brasileira. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIANNA, Hermano, 1995, O Mistério do Samba. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Tópicos em História de Angola (60h)

Ementa: História e historiografia de Angola. Evolução das formas de organização política antes do contato europeu. Comércio, cristianização e escravidão: Kongo, Ndongo e a colônia de Angola. Estados africanos na área de influência do tráfico: tradições e transformações político-sociais. As zonas de influência portuguesa e a lenta conquista do interior. A sociedade colonial: categorias socioraciais e controle social. A emergência dos nacionalismos: distinções socioraciais e conflito. Da guerra de libertação à guerra civil. O ensino da história de Angola na escola básica.

Bibliografia básica

PÉLISSIER, René; WHEELER, Douglas. *História de Angola*. Lisboa: Tinta-da-China, 2011.

MILLER, Joseph Calder. *Poder político e parentesco*: os antigos Estados mbundu em Angola. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995.

HENRIQUES, Isabel de Castro. *Percursos da modernidade em Angola*: dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1997.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas*: trajectórias da contestação angolana. Lisboa: Vega, 1999.

TALI, Jean-Michel Mabeko. *Dissidências e poder de Estado*: o MPLA perante si próprio. Luanda: Nzila, 2001 (2 v.).

Bibliografia complementar

THORNTON, John. *The Kongolese Saint Anthony*: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian movement, 1684-1706. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HILTON, Anne. *The kingdom of Kongo*. Cambridge: Oxford University Press, 1985.

MOORMAN, Marissa Jean. *Intonations*: a social history of music and nation in Luanda, Angola, from 1945 to recent times. Athens: Ohio University, 2008. (New African Histories).

BITTENCOURT, Marcelo. *“Estamos juntos”*: o MPLA e a luta anticolonial (1961-1974). Luanda: Kilombelombe, 2010 (2 v.).

LARA, Lúcio. *Um amplo movimento... Itinerário do MPLA através dos documentos de Lúcio Lara*. Luanda: Lúcio Lara, 2006 (3 v.).

Tópicos em História de Guiné-Bissau (60h)

Ementa: História e historiografia da Guiné-Bissau. A formação do território na periferia do Império do Mali. O reino do Gabu. Tráfico de escravos e a inserção regional: entre as ilhas portuguesas de Cabo Verde e o Sael islâmico. Conquista futanquê e conquista portuguesa. O período colonial moderno e a emergência do nacionalismo. A luta de libertação guineense no contexto regional, africano e terceiro-mundista: questões de orientação ideológica e de pragmatismo político. A dissolução da união com Cabo Verde. *Guineendadi*, etnicidade e religião. O ensino da história da Guiné-Bissau na escola básica.

Bibliografia básica

LOPES, Carlos. *Kaabunké*: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

MENDY, Peter Michael Karibe. *Colonialismo português em África*: a tradição de resistência na Guiné-Bissau (1879-1959). Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1994.

TOMÁS, António. *O fazedor de utopias*: uma biografia de Amílcar Cabral. 2. ed. Lisboa: Tinta-da-China, 2008.

LOPES, Carlos. *A transição histórica na Guiné-Bissau*: do movimento de libertação nacional ao Estado. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1987.

KOUDAWO, Fafali. *Cabo Verde e Guiné-Bissau*: da democracia revolucionária a democracia liberal. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 2001.

Bibliografia complementar

BARRY, Boubacar. *Senegambia and the Atlantic slave trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HAVIK, Philip J.; NEWITT, M. D. D. *Creole societies in the Portuguese colonial empire*. Bristol: University of Bristol, Department of Hispanic, Portuguese & Latin American Studies, 2007.

CHABAL, Patrick. *Amílcar Cabral*: revolutionary leadership and people's war. London: C. Hurst, 2002.

PEREIRA, Aristides. *Uma luta, um partido, dois países*: Guiné-Bissau - Cabo Verde. Lisboa: Notícias, 2002.

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro*: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

Sociologia da Cultura e das Práticas Culturais (60h)

Ementa: O conceito de cultura na sociologia clássica e contemporânea. Cultura, Mídia e Poder. Da privatização da cultura a democratização da cultura. Hibridismo, multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo e o reconhecimento da diferença.

Bibliografia Básica:

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção** – crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP ; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CANCLINI, N. **A Globalização Imaginada**. São Paulo : Ed. Iluminuras, 2003.

CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIAS, Norbert. Da Sociogênese dos conceitos de “civilização” e “cultura”; In: **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Volume 1.

FLEURY, Laurent; JULLIER, Laurent. **Sociologia da cultura e das práticas culturais**. São Paulo: Senac.

HARVEY. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural: Iluminismo como mistificação das massas. In: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

Bibliografia Complementar:

ADORNO, Theodor. **O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição**. Coleção os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1980.

BENJAMIN, Walter. **O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão**. São Paulo, Iluminuras: Editora Universidade de São Paulo, 1993.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas** – Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 1999.

CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: 1998.

EAGLETON, Terry. **Ideologia da estética**. São Paulo: Zahar, 1993.

GRAMSCI, A. Os intelectuais. O princípio educativo. In: **Cadernos do cárcere**, vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (seleção de alguns trechos).

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 8ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. O moderno princípio. In: **Cadernos do cárcere**, vol.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (seleção de alguns trechos).

GUATTARI, Félix. 1986. Cultura: um conceito reacionário? In: Félix Guattari e Suely Rolnik. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, pp.15-24.

MANNHEIM, K. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

MARCUSE, Herbert. Sobre o Caráter Afirmativo da Cultura. In: **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

TAYLOR, Charles (et al). **Multiculturalismo**: examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

THOMPSON, J. B. O conceito de cultura. In: _____. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo. Cosac Naify, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Geopolítica do Poder (60h)

Ementa: Geopolítica do Capitalismo. Hegemonia, Capitalismo e Territorialismo. Interações entre Estado e Mercado: a economia política mundial. Geopolítica das Nações e Internacionalização do Capital. Integração Regional e Cooperação Sul-Sul. Sistema Mundial e Divisão Internacional do Trabalho. Militarização dos Conflitos Internacionais e Exploração de Recursos Naturais. Estados, Nações e Nacionalismos. Império, Imperialismo, Sub-imperialismo e o Novo Imperialismo.

Bibliografia Básica:

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.

FIORI, José Luís. **O poder global e nova geopolítica das nações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____; VATER, M. C; PADULA, R. **Dimensões estratégicas do desenvolvimento brasileiro**: Brasil, América Latina e África: convergências geopolíticas e estratégias de

integração. — Brasília, DF: CGEE, 2013. v.3. Disponível em: file:///C:/Users/Gledson1/Downloads/CAEBS21_VIII_Web.pdf, Acesso 14 jun 2016.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A África e as potências emergentes: nova partilha ou cooperação Sul-Sul?: (a presença da China, do Brasil e da Índia)**. Porto Alegre: CEBRAFRICA, Leitura XXI, PPGEEI-UFRGS, 2013.

Bibliografia Complementar:

BOROB, Atilio A. **Império e Imperialismo**. Uma leitura crítica de Michael Hardt e Antonio Negri. Buenos Aires: Clacso, 2002.

COX, Robert W. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. In: Robert W. Cox & Timothy J. Sinclair (ed.). **Approaches to world order**. New York: Cambridge University Press, 1999, p. 85-123.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Crise Global**. Uma abordagem do período de 2007 à 2012. Porto Alegre: Editora Pradense, 2012.

FIORI, José Luís. **História, estratégia e desenvolvimento**. Para uma geopolítica do capitalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MELLO, Leonel I.A. (1999). **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Edusp/Hucitec, 1999.

PECEQUILLO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o século XXI**. Rio de Janeiro: Campus, 2013.

_____. **A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

VIGEZZI, Bruno. Teóricos e historiadores das relações internacionais. In: DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá: teoria das relações internacionais**, Brasília, Editora da UnB/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análises dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (org). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

Literatura Guineense (60h)

Ementa: Panorama histórico, geográfico e social da Guiné Bissau. Literatura e identidades. A poesia guineense. A prosa guineense. O teatro guineense.

Bibliografia básica:

AUGEL, M. P. O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HAMILTON, R. Literatura africana, literatura necessária. Vol. II. Lisboa: Edições 70, 1984.

LOPES, C. (Org.). Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

MATA, I. A Literatura da Guiné-Bissau. In. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, vol. 64. LARANJEIRA, P. (Org.) Lisboa: Univ. Aberta, 1995.

RIBEIRO, M.C. & SEMEDO, O. Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história. Lisboa: Edições Afrontamento, 2011.

SEMEDO, O. C. No fundo do canto. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SILA, A. A última tragédia. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILA, A. Mistida - Trilogia. Guiné-Bissau: Centro Cultural Português, 2002.

LEVI, J. A. Novos espaços pós-coloniais em Mistida do guineense Abdulai Sila. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), 2012.

TRAJANO FILHO, W. (Org.) Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. 2. ed. Brasília: ABA Publicações, 2012.

Tópicos Especiais em Língua Inglesa I (60h)

Ementa: Não possui ementário e bibliografia pré-definidos, pois objetivam possibilitar oportunidades de aprofundamento, em língua inglesa, de estudos em temas afins ao curso.

Tópicos Especiais em Língua Inglesa II (60h)

Ementa: Não possui ementário e bibliografia pré-definidos, pois objetivam possibilitar oportunidades de aprofundamento, em língua inglesa, de estudos em temas afins ao curso.

Tópicos Especiais em Humanidades I (90h)

Ementa: Não possui ementário e bibliografia pré-definidos, pois objetivam possibilitar oportunidades de aprofundamento de estudos em temas afins ao curso.

Tópicos Especiais em Humanidades II (90h)

Ementa: Não possui ementário e bibliografia pré-definidos, pois objetivam possibilitar oportunidades de aprofundamento de estudos em temas afins ao curso.

Tópicos Especiais em Humanidades III (90h)

Ementa: Não possui ementário e bibliografia pré-definidos, pois objetivam possibilitar oportunidades de aprofundamento de estudos em temas afins ao curso.

Tópicos Especiais em Humanidades IV (90h)

Ementa: Não possui ementário e bibliografia pré-definidos, pois objetivam possibilitar oportunidades de aprofundamento de estudos em temas afins ao curso.

20. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394*, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Parecer CNE/CP 009/2001*. [Brasília], 8 de maio de 2001.

BRASIL Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Ensino. *Parecer CNE/CS 009/2001*. [Brasília], 8 de maio de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001*. [Brasília], 3 de abril de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES nº. 136*. [Brasília], 4 de junho de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer nº. 329/04* [Brasília], 11 de novembro de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001*. [Brasília], 03 de abril de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CP 1/2002*. [Brasília], de 18 de fevereiro de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 17*. [Brasília], 13 de março de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 13*. [Brasília], 13 de março de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº. 2*, [Brasília], 18 de junho de 2007.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, 1986.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EdUnesp, 1992

CEARÁ. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. *Diretrizes Gerais*. [Redenção], junho de 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetórias e perspectivas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, v.13, 25/26, p. 143-162, 2000.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: história e geografia. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PINSKY, Jaime (Org.) *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 2009.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WILLIANS, Raymond. *Cultura*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ANEXO I

Contextualização da Instituição de Ensino Superior – IES

1.1 NOME DA IES

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

1.2 ENDEREÇO

Av. da Abolição, nº 3 – Centro – Redenção – CE
CEP 62790 – 000

1.3 DOCUMENTO DE CRIAÇÃO DA IES:

Lei Federal nº 12.289, de 20 de julho de 2010.

1.4 PERFIL E MISSÃO DA IES

A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB se insere no contexto da expansão da educação superior no Brasil, a partir do aumento de investimentos em ciência, tecnologia e cultura e do número de instituições federais de educação superior (ampliação das existentes e criação de novas unidades), é um dos eixos centrais da política educacional do governo brasileiro. Nesse sentido, o programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais - Reuni, constitui um dos mais importantes e inovadores programas voltados à recuperação do sentido público e compromisso social da educação superior, dada sua orientação de expansão com qualidade e inclusão.

A instalação da comissão de implantação da UNILAB, em outubro de 2008 pelo Ministério da Educação (MEC), e a sanção presidencial da lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, que dispõe sobre a criação da universidade, espelha concretamente essa política.

No entanto, a instalação da UNILAB na cidade de Redenção, no Ceará, marco nacional por seu pioneirismo na libertação de escravos, não representa apenas o atendimento das metas do Reuni em seu objetivo de promover o desenvolvimento de regiões ainda carentes de instituições de educação superior no país - como é o caso do maciço do Baturité, onde será instalada. Ela aponta também para um encontro da nacionalidade brasileira com sua história, à medida que terá por foco tornar-se um centro de pesquisa e formação de jovens brasileiros em interação com estudantes de países onde também se fala a língua portuguesa.

A UNILAB está inserida, portanto, no contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação sul-sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental. Atuando na perspectiva da cooperação solidária, ela valorizará e apoiará o potencial de colaboração e aprendizagem entre países, como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior.

A UNILAB tem como Missão produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa - especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente - por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e compromissados com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente.

Atualmente a UNILAB está dividida em 5 (cinco) Áreas:

- Ciências Sociais Aplicadas;
- Formação Docente;
- Humanidades e Letras;
- Saúde Coletiva;
- Desenvolvimento Rural.

Nestas Áreas são ofertados, atualmente, 7 (sete) cursos presenciais de graduação:

- Administração Pública;
- Agronomia;
- Bacharelado em Humanidades;
- Ciências da Natureza e Matemática;
- Enfermagem;
- Engenharia de Energias;
- Letras.

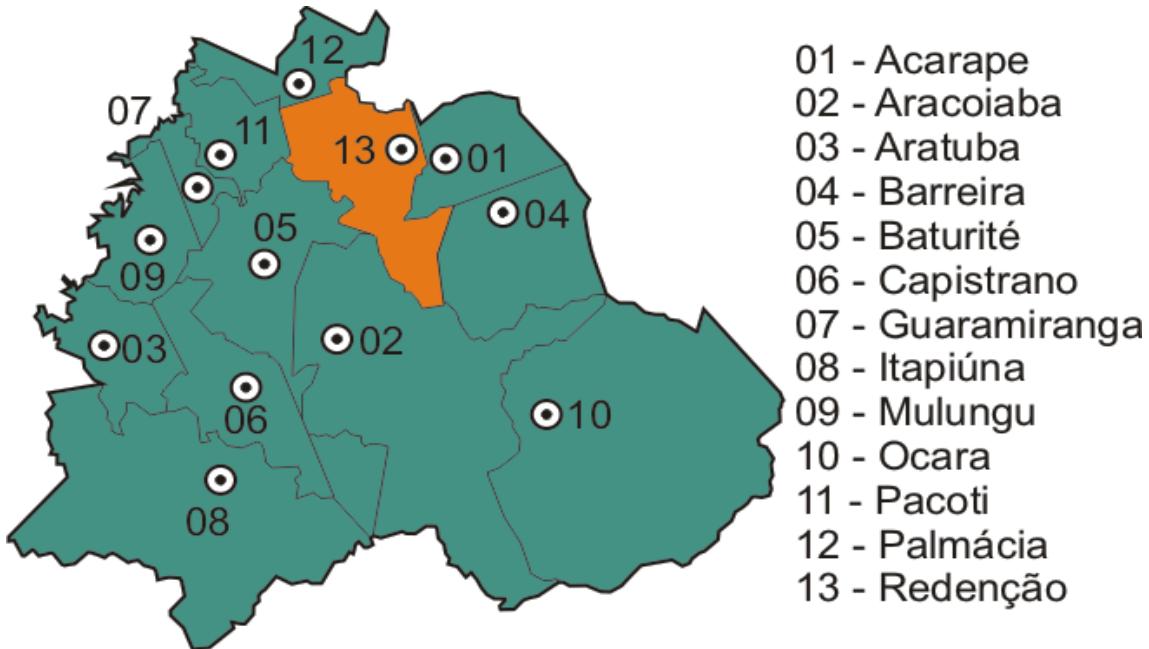
1.5 DADOS SÓCIO ECONÔMICOS DA REGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ

A UNILAB tem seu principal campus brasileiro na cidade de Redenção, localizada na região do maciço do Baturité¹⁰, junto à serra de Guaramiranga, no Estado do Ceará.

¹⁰ A cidade de Redenção foi pioneira na abolição da escravatura no Brasil, em 1883. Localiza-se a 72km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, que se comunica diretamente por via aérea e marítima com a África e Portugal.

Além de seu campus principal, a UNILAB pretende implantar uma rede de unidades a fim de atender às demandas dos municípios da região do Maciço do Baturité e de seu entorno, com extensão às demais localidades do estado e do Nordeste brasileiro.

MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO MACIÇO DO BATURITÉ/CE



O território do Maciço de Baturité, objeto deste estudo, ocupa uma área de 4.820 Km² e do ponto de vista do planejamento macrorregional abrange treze municípios: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Itapiúna, Guaramiranga, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia, e Redenção. Para efeito deste trabalho foram incluídos outros dois: Guaiuba e Caridade, ambos filiados à Associação dos Municípios do Maciço de Baturité (AMAB). A região possui, ainda, vários distritos e vilas originários da época de colonização da região e que guardam referências de grande importância para as tradições e para o patrimônio histórico do Ceará.

A população de 274.634 habitantes tem densidade média de 57 habitantes por quilômetro quadrado e cerca de 64,5% da população reside em localidades urbanas, com 35,5% na zona rural, refletindo o processo de urbanização do Brasil nas últimas décadas (IPECE, 2010). É possível verificar um crescente movimento de migração da zona rural em direção à periferia dos núcleos urbanos, começando a configurar processo de favelização desse contingente populacional egresso de áreas rurais.

O setor terciário, associado a receitas institucionais (previdência social e emprego público), ao comércio e, mais recentemente, ao desenvolvimento do turismo, representa setorialmente a parcela mais significativa do PIB regional, atingindo cerca de 73% do seu valor total.

A dimensão da região pode ser observada pelo seu PIB que, em 2005, totalizou R\$ 340 milhões, pelos serviços (73%), pela indústria (15%), pela agropecuária (12%).

Nº da Revisão	Texto Modificado	Data da Revisão
4 ^a	p.20-23: Princípios curriculares	Julho/2016
4 ^a	p.30-36: Estrutura curricular	Julho/2016
4 ^a	p.37: Fluxograma	Julho/2016
4 ^a	p.51-59: Regulamento de TCC	Julho/2016
4 ^a	p.60-84: Ementário, referências e carga horária das disciplinas	Julho/2016
4 ^a	p.85: Referências bibliográficas	Julho/2016